

MAI-JUN 2016

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja



Exemplar avulso: R\$ 13,80



iGreja

O ministério na era digital

A marca de uma revolução



Wellington de Moraes

Você já se perguntou o que significa a letra “i” no início do nome de produtos como iMac, iPhone e iPad? Tudo começou por volta de 1997, quando Steve Jobs assumiu a missão de impulsionar o crescimento da Apple. Na ocasião, a empresa passava por um período crítico. Com vários problemas internos e externos, a companhia precisava de uma tacada de mestre para voltar ao topo das empresas de tecnologia. Diante do desafio, Jobs decidiu investir em um produto que lhe era muito especial: o computador Macintosh.

Com originalidade, ele e sua equipe desenvolveram uma máquina repleta de inovações para a época, com a mais alta tecnologia e design arrojado. Algo realmente incrível! Contudo, o reposicionamento do produto no mercado precisava de um nome que representasse a nova fase da família Macintosh. Foi nesse contexto que surgiu o iMac.

Jobs explicou o significado do nome por ocasião do lançamento do computador, dizendo que o termo refletia o casamento entre “o entusiasmo da Internet e a simplicidade do Macintosh”. Enquanto discursava, palavras referentes ao conceito por detrás do iMac eram projetadas em uma tela, todas iniciadas pela letra “i”. A sequência era: internet, individual, instruir, informar e inspirar. A partir daquele 7 de maio de 1998, o mundo dos dispositivos digitais não seria mais o mesmo. O “i” diante do nome de um *gadget* seria sinônimo de *status*, conectividade, praticidade e funcionalidade.

Quase 20 anos depois, o mundo vivencia os resultados da revolução provocada pelos dispositivos digitais e o acesso à web. Inevitavelmente, esse conjunto de transformações influenciou também a comunidade cristã, afetando a maneira pela qual as pessoas se relacionam com a fé, com a igreja e com o mundo. Jorge Miklos, autor de *Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura* (2012), fala do processo de “mídia-tização da religião e sacralização da mídia”. Essa condição complexa influencia diretamente o modo como é visto e exercido o ministério pastoral.



Estar alienado do mundo digital significa deixar de alcançar uma parcela significativa do rebanho a nós confiados pelo Senhor.”

Assim como o “i” dos produtos da Apple é passível de múltiplos significados, inclusive diferentes daqueles que foram mencionados por Steve Jobs em 1998, o “i” destacado na capa desta edição, numa espécie de trocadilho, também serve para nos lembrar de alguns pontos importantes dessa nova dinâmica que envolve a igreja cristã e o ministério pastoral.

O primeiro, sem dúvida, refere-se à *internet*. Os cristãos devem marcar território no mundo virtual, evidenciando, por meio de seu testemunho, a soberania e o senhorio de Cristo em todos os aspectos da vida. Diante desse desafio, precisamos conscientizar a igreja a viver o cristianismo real tanto *online* quanto *off-line*.

O “i” também pode significar *intencionalidade* ao ministrar às necessidades das pessoas, ainda que seja no ambiente virtual. O uso estratégico das redes sociais tem sido um forte aliado no evangelismo. Diariamente, o número de conversões resultante de ações evangelísticas contextualizadas para o ambiente web tem aumentado. Assim, estar alienado do mundo digital significa deixar de alcançar uma parcela significativa do rebanho a nós confiados pelo Senhor. Parafraseando John Wesley, “o mundo virtual também é nossa paróquia”.

Evidentemente, eu poderia continuar atribuindo uma série de significados à letra “i” relacionados ao tema. Contudo, quero concluir destacando a palavra *igreja*. Seja no ambiente virtual ou no espaço real, não podemos permitir que a comunidade de fé assimile traços dos relacionamentos gerados e nutridos no meio virtual como fragilidade, superficialidade e descartabilidade. De fato, precisamos promover *online* e *off-line* relacionamentos sólidos, profundos e duráveis, tanto em relação ao Senhor quanto ao próximo. Assim, devemos ajudar as pessoas a cruzar a ponte entre a experiência virtual e a vida real, onde se desfruta verdadeiramente a salvação, a paz e a plenitude das bênçãos de Deus. **M**

Wellington Barbosa
Editor

10 E-vangelismo

Márcio Tonetti

A Igreja Adventista e o uso da internet no cumprimento da grande comissão

13 Missionários digitais

Miroslav Pujic

Como utilizar de modo eficaz as redes sociais para a evangelização

16 Pausa na conexão

Flávio Salcedo e Martin Kuhn

Reflexões sobre a relação entre a conectividade e o sábado

19 Isaías 14 e a queda de Satanás

Kéldie Paroschi

Evidências que confirmam a explicação tradicional do texto

22 Porta-voz do Céu

Daniel Oscar Plenc

Análise da importância dos profetas ao longo das Escrituras

25 Afinal, o que é perfeccionismo?

Glauber Araújo

Como entender essa forma de pensamento dentro da Igreja Adventista

28 Os cristãos e a homossexualidade (final)

Roy E. Gane

Princípios do Antigo Testamento para orientar a conduta da igreja em relação aos homossexuais

2 Editorial

4 Palavra do leitor

5 Panorama

6 Entrelinhas

7 Entrevista

32 Além das fronteiras

33 Dia a dia

34 Recursos

35 Ponto final

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 88 - Número 525 - Mai/Jun 2016
Periódico Bimestral - ISSN 2236-7071

Editor

Wellington Barbosa

Editor Associado

Márcio Nastrini

Assistente de Editoria

Milenna Vieira

Projeto Gráfico

Levi Gruber

Capa

Sergey Nivens / Fotolia

Colaboradores Especiais

Carlos Hein; Lucas Alves; Jerry Page; Derek Morris; Willie Hucks

Colaboradores

Alberto Peña; Aldo Muñoz; Arildo Souza; Cícero Gama; Cláudio Leal; Edison Vasquez; Edilson Valiente; Eufracio Quispe; Fabian Marcos; Geraldo M. Tostes; Horácio Cayrus; Jair G. Góis; Leonel Lozano; Mitchel Urbano; Montano de Barros

Ministério na Internet

www.revistaministerio.com.br
www.facebook.com/revistaministerio
Twitter: @MinisterioBRA
Redação: ministerio@cpb.com.br



**CASA
PUBLICADORA
BRASILEIRA**

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 - km 106 - Caixa Postal 34
18270-970 - Tatuí, SP

Diretor-Geral

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro

Uilson Garcia

Redator-Chefe

Marcos De Benedicto

Redator-Chefe Associado

Vanderlei Dorneles

Chefe de Arte

Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 67,00
Exemplar Avulso: R\$ 13,80



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total
ou parcial, por qualquer meio,
sem prévia autorização escrita
do autor e da Editora.

Tiragem: 6.500

5935 / 34227

Capa

Parabenizo a *Ministério* pela edição de março-abril. A revista ficou muito boa! Os artigos são relevantes e seus autores são conhecedores de suas áreas; portanto, sabem o que dizem. Para mim, o tema de capa foi de grande valor, pois, em meu distrito, tenho acompanhado membros da igreja que estão enfrentando graves problemas relacionados à depressão.

Rafael Stelle
Passo Fundo, RS



Entrevista

Agradeço e parabenizo os editores da revista *Ministério* pela ênfase dada ao tema "depressão". Gostei muito da estrutura editorial que possibilitou que vários artigos, notas e entrevista fossem direcionados para o assunto, além de apresentar outros temas de interesse teológico. Apreciei muito a entrevista com a psicóloga Marta Gomes, que abordou a influência da depressão sobre o pastor e sobre as pessoas alcançadas pela influência de seu ministério. Foi interessante notar como o pastor, que é um orientador familiar, pode ampliar a utilidade de sua função ao se associar com profissionais da área de psicologia. A leitura é recomendada a todos os pastores, ainda mais considerando que a incidência da depressão cresce a cada ano e também pelo fato de que todos nós estamos sujeitos a essa doença. Como disse a autora: "Depressão é doença, não é fraqueza de caráter nem de fé."

Hadson Araújo
Manaus, AM

Saúde para a mente

A revista *Ministério* continua espetacular! Foi importantíssima a abordagem ao tema da depressão. Por incrível que pareça, ainda existem pessoas e líderes alegando ser este um problema espiritual ou "falta de Deus".

Todos os artigos são de muita qualidade, mas me chamou a atenção a matéria "Saúde para a mente". O autor foi muito feliz ao formular o quadro "Dicas para desenvolver as quatro atitudes no dia a dia".

Cérlison Ohnesorge
Itabuna, BA

da seção Panorama. A temática dos desigrejados poderia ser o assunto principal de uma próxima edição, dado o aumento dessa realidade em nosso meio. Ressalto a terceira razão apontada para o aumento dos desigrejados, a desconexão entre os ensinamentos da igreja e as lutas da vida cotidiana. Fica a pergunta: será que estamos apresentando nossa mensagem de modo relevante?

Deyvid Dias
Teófilo Otoni, MG

Ministério na internet

Apreciei muito saber que a *Ministério* também está disponível no ambiente virtual. Como sou muito ligado às redes sociais, gostei de ver a revista sendo divulgada através desse meio. Acho que isso contribui para incentivar a leitura da *Ministério*, que tem um conteúdo precioso!

Josué Franco
Votorantim, SP

Entrevista – Jiwan Moon

Excelente a entrevista com Jiwan Moon (janeiro-fevereiro)! Ministar aos jovens é tarefa tão difícil quanto abençoada. Precisamos nos preparar bem e envolvê-los na missão, construindo uma consciência cristã em relação a tudo em sua vida.

Ezequiel Gomes
Porto Alegre, RS

Desigrejados

Achei muito oportuno o tema de capa da *Ministério*, tanto em relação à necessidade de ajudarmos pessoas com depressão quanto pelo fato de que nós, pastores, precisamos assumir que também estamos sujeitos a isso. Quero destacar algo

Ministério

revistaministerio.com.br

revistaministerio

@MinisterioBRA

BÍBLIA SAGRADA

A voz dos ex-pastores

Recentemente, um estudo da LifeWay Research analisou as principais razões apresentadas por 734 pastores, de quatro denominações dos Estados Unidos, que deixaram o ministério. As cinco primeiras são: mudança de perspectiva quanto ao chamado

(40%), conflitos na igreja (25%), esgotamento (19%), problemas financeiros (12%) e questões familiares (12%). Os entrevistados ainda tiveram a oportunidade de expressar conselhos que dariam a pastores, igrejas e denominações. Veja o que eles disseram:

Pastores

- Cuidem de sua vida devocional, sua saúde espiritual, seu relacionamento com Deus.
- Invistam em sua família.
- Tenham um mentor ou confidante a quem possam prestar contas.
- Sigam o chamado e a orientação de Deus.
- Orem.
- Dediquem tempo à sua esposa.
- Mantenham períodos regulares de descanso.

Denominações

- Amparem e protejam os pastores.
- Forneçam mentoreamento.
- Apoie as igrejas. Concentrem-se na saúde espiritual delas.
- Ajudem a resolver conflitos.

Igrejas

- Apoie e encoragem seu pastor. Tenham expectativas razoáveis em relação a ele.
- Respeitem a agenda do pastor e permitam que ele tenha tempo em família.
- Sigam seu pastor e sejam comprometidos.
- Orem.
- Amem e respeitem uns aos outros.
- Cuidem financeiramente do pastor.
- Definam claramente as expectativas quanto ao trabalho pastoral. Sejam honestos.



Gentileza DSA

Tempo de transição

Josué era filho de Num, um efraimita. Ele surge no relato bíblico pela primeira vez ao lado de Moisés por ocasião da guerra contra os amalequitas. Antes de se tornar líder de toda a nação, houve três momentos de destaque em seu ministério. O primeiro, quando lhe foi permitido subir com Moisés ao monte em que Deus entregou as tábuas da Lei (Êx 24:12-14). Além disso, ele serviu como guarda da tenda da congregação antes de o Tabernáculo ser construído (Êx 33:11). Por último, esteve ao lado de Calebe ao dar o relatório favorável à conquista de Canaã, apesar das enormes dificuldades existentes (Nm 13; 14:5-9).

Logo após a morte de Moisés, Josué teve duas grandes tarefas diante de si: substituir o grande profeta e conduzir os hebreus à Terra Prometida. Sem dúvida, eram desafios bem maiores do que ele acreditava suportar, e “foi com grande ansiedade e desconfiança de si mesmo que encarou a obra que se achava diante de si” (*Patriarcas e Profetas*, p. 351). Josué precisava de orientação, motivação e sabedoria para tomar as decisões corretas e ser bem-sucedido por onde quer que fosse. No primeiro capítulo de seu livro, é possível notar as três direções às quais ele deveria olhar a fim de encontrar o rumo certo em sua nova missão.

Josué deveria olhar para trás. “Como fui com Moisés, assim serei contigo; não te deixarei, nem te desampararei” (Js 1:5). Antes de olhar para a frente como empreendedor, Josué deveria olhar para trás como aprendiz, para ver as grandes manifestações de Deus na vida de Moisés. O Senhor demonstrou vários atributos ao grande profeta de Israel: glória, quando o chamou; poder, ao libertar Israel e dividir o mar Vermelho; cuidado, ao prover proteção mediante a nuvem durante o dia e a coluna de fogo, à noite; providência, ao conceder o maná; santidade, ao estabelecer o Tabernáculo; segurança, ao livrar Israel de seus inimigos e graça, mediante a serpente levantada no deserto. Como líderes, antes de iniciar as atividades em um novo trabalho, precisamos ver como Deus atuou na vida daqueles que vieram antes de nós.



Todo líder deve olhar para trás com gratidão e para a frente com fé, coragem e disposição.”

Josué deveria olhar para um único livro. “Não ceses de falar deste Livro da Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo tudo quanto nele está escrito; então, farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido” (Js 1:8). A atitude de Josué de fidelidade, reflexão e obediência para com a Lei definiria o sucesso de sua liderança. Ele precisava de orientação clara, princípios sólidos e sabedoria divina, e somente na Palavra de Deus estaria seguro.

John Maxwell, citando Fulton Sheen, declarou: “A civilização está em perigo quando o direito de comandar é concedido àqueles que nunca obedeceram” (*O Livro de Ouro da Liderança*, p. 27). Como líder espiritual, antes de mobilizar um grupo de pessoas e esperar dele fidelidade, seja obediente às instruções de Deus.

Josué deveria olhar para a frente e agir. “Não to mandei Eu? Sê forte e corajoso” (Js 1:9). Josué não foi chamado para manter o povo no lugar em que havia chegado. Ele foi chamado para fazer Israel herdar a terra. Todo líder deve olhar para trás com gratidão e para a frente com fé, coragem e disposição. Crescer, prosperar e progredir devem fazer parte da atitude daqueles que lideram o povo de Deus. Além da força, do vigor e dos sonhos dos ministros mais novos, “os pastores idosos e experientes devem sentir que é seu dever, como servos de Deus, avançar” (*Testemunhos Para Igreja*, v. 4, p. 265).

Como Josué, substituímos alguém em algum momento. Como pastores, passamos por novos desafios e experiências a cada mudança, e precisando ouvir Deus dizer: “não te deixarei, nem te desampararei” (Js 1:5). Ao assumir novas responsabilidades ministeriais, veja a maneira pela qual Deus guiou seu antecessor, busque na Bíblia orientação, olhe para a frente e aja. Tenha certeza de que a bênção do Senhor será com você! **M**

Lucas Alves

Secretário ministerial associado para a Igreja Adventista na América do Sul

Entre o virtual e o real

“Não podemos pastorear pela internet e não existe recurso tecnológico que substitua a presença do pastor quando ele se ajoelha na sala de uma família e pede as bênçãos e a proteção de Deus sobre seus membros.”

por *Wellington Barbosa*

O crescimento do número de pessoas inseridas no mundo virtual é uma realidade irreversível. A cada ano, a quantidade de horas gastas na internet aumenta de modo significativo. Atividades como fazer compras, assistir a filmes ou relacionar-se por meio de redes sociais estão tomando grande parte da vivência de crianças, jovens e adultos. Diante dessa condição, o cristianismo não pode ignorar o fato de que é no contexto digital que muitas pessoas terão contato com a mensagem bíblica e se aprofundarão nela. Ciente disso, a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem investido anualmente uma parcela considerável de seus recursos para apresentar o evangelho da maneira mais eficaz no ambiente virtual. Como parte de seus esforços, a sede mundial da denominação indicou Samuel (Sam) Neves como diretor associado do departamento de Comunicação, a fim de trabalhar especificamente com esse nicho missionário. Brasileiro, o pastor Sam se graduou em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo e obteve o mestrado no Newbold College, na Inglaterra. Por mais de 10 anos, exerceu seu ministério em Londres. Casado com Amy, sua namorada desde a adolescência, tem três filhos.

Você foi nomeado recentemente líder associado de Comunicação da Associação Geral. Quais são suas atribuições?

Minha responsabilidade principal é estimular o uso da internet no cumprimento da missão dada por Jesus à Igreja Adventista. Assim, eu me envolvo com diversos ministérios e projetos relacionados com sites, mídias sociais, jogos e aplicativos *mobile*, entre outras iniciativas.



Gentileza do entrevistado

Você crê que os meios de comunicação estejam transformando a maneira de os cristãos vivenciarem a fé no dia a dia?

Vivemos em um momento único da história. O comportamento da maioria das pessoas ao redor do mundo nunca mudou tão drasticamente em um período tão curto de tempo. Além disso, esse comportamento está se tornando cada vez mais parecido em todas as principais capitais do mundo. O resultado é simples: jovens de 18 anos em Nova York, Londres, São Paulo, Tóquio, Sydney e Pequim tem mais em comum uns com os outros do que com seus próprios pais. Essa nova cultura universal, homogênea, está levando pessoas do mundo inteiro a se tornarem cada vez mais independentes. Entretanto, as profundas necessidades humanas individuais continuam as mesmas de sempre. Ainda precisamos ser amados e nos conectar uns com os outros hoje como há 3 mil anos. Diante

dessa realidade, forma-se um certo conflito, pois, quanto mais independentes somos, mais difícil se torna essa ligação. Para piorar, a própria tecnologia de comunicação, que nos promete conexão com o mundo, está nos levando a uma vida cada vez mais solitária e desconectada. Paradoxalmente, é o remédio que está nos fazendo adoecer. Nesse contexto, o sábado e a igreja local se apresentam como o grande antídoto para essa nova tendência mundial. O sábado é justamente o dia em que nos desconectamos do mundo digital para vivermos intimamente conectados com as pessoas que amamos, nossa família e nossos amigos de verdade. Além disso, a igreja local é o único lugar na sociedade em que são destruídas todas as barreiras que nos dividem durante a semana. Ricos e pobres, doutores e analfabetos, saudáveis e doentes, com ou sem necessidades especiais, empresários e empregados, homens e mulheres, adultos, crianças e adolescentes são todos amados igualmente por seu verdadeiro valor como filhos de Deus, e não por sua capacidade ou classe social. Especialmente por esses dois motivos, creio que a Igreja Adventista foi chamada por Deus com a mais profunda mensagem de liberdade presente e esperança por vir. Meu sonho é que nós, discípulos de Jesus, vivamos essas duas realidades para sermos instrumentos do Senhor no século 21.

No atual contexto midiaticizado, há espaço para o pastoreio eficaz que não utilize especialmente as redes sociais como ferramenta?

Como pastor local até pouco tempo atrás, entendo bem essa realidade. O ministério de Cristo e, portanto, o nosso, apresentava pelo menos três aspectos: proclamação, contemplação e conexão. Jesus proclamava as verdades do Reino usando o recurso que tinha disponível na época, a oratória. A variedade de recursos que possuímos atualmente é um dos

maiores benefícios da tecnologia moderna. O pastor busca a Deus e recebe uma mensagem para o tempo presente de sua igreja local. Enquanto antigamente o sermão era uma das únicas formas de transmitir essa mensagem, hoje os meios são quase ilimitados. O ministro pode alcançar muito mais pessoas e por muito mais tempo, uma vez que suas mensagens podem ficar disponibilizadas indefinidamente. Cristo também chamava discípulos para que O observassem e aprendessem como viver e interagir com Deus e as pessoas. Quando Jesus nos

A América do Sul está vivendo um momento único. Milhares de pessoas estão se interessando pela verdade bíblica ao interagir com ela através dos meios de comunicação. Entretanto, quando visitam a Igreja Adventista local, alguns não reconhecem a mesma mensagem.

instruiu para que fizéssemos discípulos, Ele tinha a mesma coisa em mente. Paulo disse: "Tornem-se meus imitadores, como eu o sou de Cristo" (1Co 11:1). Por meio dos canais de comunicação, os seguidores de um pastor têm a oportunidade de observá-lo em sua vida normal e aprender o que é seguir a Jesus. Entretanto, o ministro deve ter cuidado em manter a integridade de sua família e preservar a intimidade de seu lar. Em certo período, passei por uma fase em que a conexão real com pessoas da comunidade se tornou algo secundário, uma vez que os meios de comunicação eram tão poderosos. Graças a Deus não passei muito

tempo assim. Não podemos pastorear pela internet e não existe recurso tecnológico que substitua a presença do pastor quando ele se ajoelha na sala de uma família e pede as bênçãos e a proteção de Deus sobre seus membros. O Facebook jamais substituirá o abraço no luto, o sorriso na festa ou o segurar da mão num quarto de hospital. O pastor tem o privilégio único de estar próximo das pessoas em suas maiores alegrias e em seus maiores sofrimentos. Deus Se comunicou de várias maneiras com os seres humanos, mas foi somente quando esteve fisicamente próximo, por meio de Jesus, que o amor divino pôde ser mais bem compreendido. Esse é o chamado real do pastor.

De que forma os pastores podem ajudar os membros da igreja a viver o cristianismo nas redes sociais?

As redes sociais somente ampliam o que fazemos em nossas comunidades locais. Ou seja, elas apenas mostram quem realmente somos. Como pastores, devemos sempre apresentar quem foi Jesus, em nossas atitudes e palavras. Nossa missão é inspirar pessoas a ser como Cristo na vida real. Depois disso, a vida digital será uma consequência.

Você acredita que os pastores e as igrejas locais estejam aproveitando o potencial evangelístico existente nos diversos meios de comunicação? O que pode ser feito para tornar mais eficiente a interação entre o mundo virtual e a igreja real?

A América do Sul está vivendo um momento único. Milhares de pessoas estão se interessando pela verdade bíblica ao interagir com ela através dos meios de comunicação. Entretanto, quando visitam a Igreja Adventista local, alguns não reconhecem a mesma mensagem. Ainda existem algumas igrejas nas quais os assuntos tratados são desinteressantes, o culto é

desorganizado, poucas pessoas cantam os hinos, ninguém fala com os convidados, os membros desaparecem logo após o término da programação e a igreja abre somente nos horários regulares de culto. Nunca encontrei nenhuma congregação que tenha todas essas características juntas, mas vejo que diversas igrejas têm muitas áreas para melhorar. Há muitos anos, trabalhei com o pastor Luís Gonçalves. Lembro-me de uma ocasião em que o microfone parou de funcionar por 30 segundos. Depois do culto, ele chamou sua equipe e conversou seriamente sobre essa falha: "Naquele momento, uma pessoa poderia estar se decidindo por Jesus e, de repente, com a falha do microfone, ela parou de pensar em Cristo, pois percebeu algo errado. Depois disso, não sabemos quando ela ouvirá a voz do Espírito Santo novamente. A vida das pessoas depende de nossa atenção em cada detalhe. Não podemos falhar." Fico imaginando como seria se cada uma de nossas igrejas pensasse assim!

Como os diferentes meios de comunicação podem ser úteis no processo de discipulado?

Não existe discipulado digital. Ser discípulo requer observar alguém que esteja seguindo Jesus por mais tempo e aprender o que isso significa. Discipulado é viver perto, compartilhar a vida e cumprir a missão juntos. É impossível fazer tudo isso a distância. Contudo, existem fases do discipulado que podem ser facilitadas pelos recursos tecnológicos. Despertar o interesse pelo evangelho, empenhar-se na proclamação do Reino e realizar outras etapas do processo são coisas que podem ser feitas por meios de comunicação bem empregados. No entanto, para fazer discípulos, precisamos conviver com as pessoas.

Você apresentou uma inovação evangelística quando criou o jogo Heroes. Como fazer a ponte entre

o entretenimento e o compromisso real com Cristo?

Não vejo diferença entre o entretenimento e o compromisso com Cristo. De fato, a nova vida começa com uma aliança com o Senhor. Tudo que fazemos posteriormente tem que ser reflexo disso. Tudo! Se houver algo na vida do discípulo que não reflita esse compromisso, a pessoa tem que abandonar isso. O fato é que, em virtude de nossa forte herança puritana, temos dificuldade de ver Jesus nas coisas que nos trazem satisfação e alegria.

Não passe tempo demais estudando o mundo digital, a não ser que você queira se especializar nisso. Se for o caso, contrate especialistas em cada área para fazer um bom trabalho. O pastor foi chamado para ser pastor, não tecnólogo.

Enxergamos nossa vida espiritual como composta de devocionais, cultos, oração e pregação. Esportes, trabalho, entretenimento, viagens e outras atividades são consideradas seculares. Assim, quando vemos um *game* que nos aproxima de Deus e Sua Palavra, não conseguimos aceitar isso muito bem. Contudo, a Bíblia foi escrita muitos anos antes de se formar esse conceito puritano. Tudo que Jesus fazia era espiritual: transformar água em vinho para que a festa continuasse, auxiliar na pesca de Seus discípulos, e até mesmo contribuir financeiramente com o império romano. Quando percebemos que alegria e felicidade vêm de Deus e fazem parte de Seu Reino, nossa cosmovisão muda (Rm 14:17). É claro que, se praticamos alguma forma de entretenimento não

condizente com os princípios divinos, devemos parar imediatamente. Quantos discípulos se "santificam" no sétimo dia e depois do pôr do sol pensam bem pouco no Reino ao escolher sua diversão no sábado à noite?

Existe algum projeto em andamento que tenha como objetivo treinar pastores e líderes de igreja acerca de como eles podem aproveitar as oportunidades do ambiente virtual?

O melhor programa de capacitação digital para pastores que eu conheço é o MBA em Comunicação organizado pela Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista. Espero que em breve possamos ter programas similares em todo o mundo.

Quais dicas você deixa para aqueles que desejam ser mais eficientes em seu ministério no contexto virtual?

Identifique um pré-adolescente (11 a 13 anos) que esteja atento ao mundo digital e combine com o pai dele um programa de acompanhamento de sua rotina digital. Observe-o durante algumas horas por mês e veja como ele interage com a tecnologia e a comunicação. Muito provavelmente, o comportamento desse pré-adolescente será reproduzido pelo resto do mundo em 5 anos. Além disso, não passe tempo demais estudando o mundo digital, a não ser que você queira se especializar nisso. Se for o caso, contrate especialistas em cada área para fazer um bom trabalho. O pastor foi chamado para ser pastor, não tecnólogo. Eu mesmo dependo dos conselhos e da experiência de especialistas em todas as áreas digitais. Finalmente, abra as portas para que os jovens implementem suas formas de pregar o evangelho e expandir o Reino. Escute e, depois, escute de novo o que eles têm a dizer. O trabalho do pastor é facilitar a transição da igreja para uma nova geração de líderes, sem comprometer os princípios bíblicos. **M**



William de Moraes

E-vangelismo

O novo campo de missão:
a igreja na web

Foi por meio de uma busca na web que Milena Sousa, de São Luís, MA, encontrou a Igreja Adventista. Mesmo tendo frequentado uma denominação pentecostal durante 14 anos, ela sentia necessidade de aprofundar seus conhecimentos sobre a Bíblia. A maranhense encontrou o Facebook oficial da igreja e começou a interagir na página. “Um missionário virtual me convidou para estudar a Bíblia e, na mesma hora, eu já passei meu e-mail para ele”, comenta. Como resultado dessa experiência, em setembro de 2015, Milena decidiu ser batizada.

A história dela não é um caso isolado na rede. No livro *Internet Evangelism In the 21st Century: A Reader*, John Edminton estima que 42% dos internautas buscam informação religiosa. “Se as pessoas chegam ao seu site, é porque elas têm interesse, ao menos, clicaram em um link no Google ou em outro site. Você não está lidando com pessoas apáticas ou altamente resistentes. Você está lidando com pessoas que têm pelo menos algum interesse no evangelho.”

Martha Gabriel, no livro *Marketing na Era Digital: Conceitos, Plataformas e Estratégias*, diz que, sem dúvida, a internet abre novas possibilidades para a missão que os cristãos têm de proclamar o evangelho “a toda nação, e tribo, e língua e povo” (Ap 14:6).

Embora ao longo da história do cristianismo diversos meios de comunicação tenham sido usados para fazer discípulos,

a web, mais do que qualquer outro meio usado até hoje, parece ser o que melhor responde ao senso de abrangência e de urgência que acompanham a missão.

Isso explica o crescente interesse das denominações cristãs em entrar no ciberespaço para alcançar uma audiência global. Assim, na época atual, a evangelização está ganhando uma nova dimensão, uma “nova cara”.

Presença adventista no ciberespaço

Atenta a esse fenômeno, a Igreja Adventista começou a marcar presença na *World Wide Web* (www) desde o início da década de 1990. No Brasil, acredita-se que o primeiro site adventista tenha surgido em 1994, a partir de uma iniciativa voluntária. Vinculado ao ministério “Cristo Vai Voltar”, o cvvnet.org também foi o primeiro de que se tem notícia a disponibilizar uma série de estudos bíblicos na internet, evidenciando, assim, sua natureza evangelística.

Em seus estudos para o programa de doutorado, o pastor Jobson Dornelles Santos dividiu a história do evangelismo virtual adventista no Brasil em quatro fases: (1) período de pioneirismo (1994-1995); (2) período

de sites institucionais (1996-1997); (3) período de diversificação (1998-2001); e (4) período de especialização (a partir de 2002).

Em sua tese, defendida em 2009, Santos identificou cerca de 800 sites e blogs, em português, mantidos por voluntários, igrejas e instituições adventistas. Ele observou que 81% desses afirmaram usar a rede com finalidade evangelística.

Nova fase

De lá para cá, a presença adventista na web se multiplicou numa velocidade quase cibernética. Além disso, a igreja vem aperfeiçoando seus métodos evangelísticos no ciberespaço. Vale lembrar que as primeiras experiências nessa área se restringiram à retransmissão das programações veiculadas pelo canal executivo da TV Novo Tempo. Entretanto, com o tempo, formas mais eficazes de atrair o público e interagir com os internautas foram implementadas.



Em 2009, por exemplo, o programa “Futuro com Esperança” foi o primeiro da série a contar com um site. A campanha do ano seguinte, intitulada “Tempo de Esperança”, teve maior alcance. “Começamos a acrescentar a ideia do uso de um chat, bem como do *Twitter*, além da produção de conteúdos exclusivos para a web. Trazíamos o pastor Luís Gonçalves, o quarteto Arautos do Rei, e outros participantes, para um cantinho onde colocamos um sofá, uma cadeira, um banner de fundo e uma câmera e fazíamos perguntas que eram enviadas pelos internautas. Nascia aí o nosso primeiro vídeo-chat”, relata Rogério Ferraz, que trabalhou como gerente de Estratégias Digitais da Divisão Sul-Americana de 2010 a 2015.

Na tentativa de oferecer respostas a algumas das necessidades identificadas nos anos anteriores, a partir de 2012, o evangelismo virtual no contexto sul-americano

entrou em uma nova fase, com a organização de eventos exclusivos que passaram a ser coordenados pelo Ministério Jovem. Entre eles, o programa “Contagem Regressiva”, em 2012 e 2013, a série “O Último Império”, em 2015, que abriu a possibilidade, inclusive, para que os internautas participassem da escolha dos temas, além do Evangelibras, considerado o primeiro evangelismo via web do mundo na Língua Brasileira de Sinais (Libras).

No ano passado, a Igreja decidiu aprimorar seus métodos. Desde então, tem atuado principalmente através do *Facebook*. “Assim, conseguimos acompanhar melhor os internautas que pedem estudos bíblicos ou batismo”, explica Rogério Ferraz.

De acordo com dados do núcleo de Estratégias Digitais, entre janeiro e setembro de 2015, a página oficial do *Facebook* da denominação registrou 2,6 milhões de compartilhamentos. Um levantamento realizado mostrou que ela estava entre as cinco maiores no segmento religioso em nível de interação - métrica que leva em conta o número de likes, compartilhamentos ou comentários de uma pessoa em uma rede social - e na 11ª posição em número de “curtidas”.

Expandir ainda mais esse alcance será uma das metas do Departamento de Comunicação da sede sul-americana dos adventistas, segundo informa o pastor Rafael Rossi, coordenador da área.

Discipuladores na web

Roberto Roberti é um dos missionários virtuais que ajudam a atender a demanda gerada pelo *Facebook* da Igreja Adventista em língua portuguesa. Ele gerencia os contatos recebidos por meio da rede social, interage e estuda a Bíblia com os internautas e tenta inseri-los nas comunidades presenciais. No decorrer do estudo, ele convida o interessado a visitar a igreja.

A conexão das experiências virtuais com a vivência em comunidades presenciais é indispensável. “Caso contrário o

processo de evangelismo não se completa”, argumenta Roberti.

Participação das igrejas

Alcançar pessoas no chamado ciberespaço e conectá-las com as comunidades presenciais de adoração é algo que também pode ser feito pelas próprias igrejas. Desde 2010, a Igreja Central de Curitiba (PR), por exemplo, transmite seus cultos por meio do *Livestream*. Mensalmente, são registrados, em média, 3,7 mil computadores conectados. O potencial da ferramenta já contribuiu para que algumas pessoas passassem a assistir às reuniões presenciais e decidissem ser batizadas. A partir de um estúdio na própria igreja, eles também transmitem a Escola Sabatina Interativa, além de disponibilizar estudos bíblicos em vídeo.

Luciano Reis, responsável pelo departamento, lembra que hoje está muito mais acessível para as igrejas transmitir suas programações. Não se trata de algo que está ao alcance apenas de grandes templos. Até mesmo algumas redes sociais, a exemplo do *Twitter*, já contam com aplicativos, como o *Periscope*, que permitem transmitir eventos ao vivo a partir de um celular conectado à internet. “Porém, mais do que equipamentos, é preciso ter pessoas que enxerguem esse trabalho como um meio evangelístico”, ele observa.

Novo perfil de evangelista

A internet abre espaço para um novo tipo de evangelista: aquele que, às vezes, não sobe ao púlpito para pregar ou cantar, mas tem o dom de usar a tecnologia em favor da missão. Em países como os Estados Unidos, onde o uso da internet é ainda mais difundido e as conexões muito mais rápidas, algumas experiências interessantes estão sugerindo novas formas de envolver os membros na missão.

A Igreja Collegedale, vinculada à Southern Adventist University, por exemplo, criou o site Flocktoc.com, uma comunidade virtual em que qualquer membro da igreja ao redor do mundo pode ter sua

própria sala de vídeo-chat gratuitamente, com capacidade para estudar a Bíblia “face-to-face” com até dez pessoas simultaneamente. O projeto surgiu como uma forma de encorajar e ajudar os membros da igreja local a estudar a Bíblia com outras pessoas.

“Com o aumento do mercado de celulares e a diminuição do uso de desktop e laptop, as pessoas esperam sites que sejam amigáveis para aparelhos móveis”, comenta o pastor Ken Norton, criador do site.

Um segundo elemento percebido por Norton foi a “tecnofobia ou analfabetismo tecnológico”. “A experiência de lançar esse projeto abriu meus olhos para o grande número de pessoas que têm medo de usar a tecnologia ou simplesmente não sabem como fazer”, menciona. Muitos membros mais velhos da igreja, experientes em estudar a Bíblia com outros, não estavam interessados em aprender a usar a tecnologia para divulgação ou evangelismo.

Um terceiro aspecto notado por Norton foi que a maioria dos membros não sabia como ministrar estudos bíblicos, o que confirmou a grande necessidade de os membros da igreja serem treinados quanto a compartilhar sua fé e as verdades do adventismo.

Essas conclusões levaram a uma série de mudanças. No que diz respeito à estrutura do site, o *layout* foi redesenhado para ser amigável a qualquer dispositivo e navegador de internet, além de passar a funcionar integrado a serviços gratuitos e aprimorados de *vídeo-chat*, como o *Google Hangouts* e o *Skype*, que estão disponíveis para todos os sistemas operacionais.

Além disso, os idealizadores do projeto passaram a promover aulas *online* ensinando a usar o site. “Ao tomar tempo com as pessoas para explicar como funciona esse tipo de tecnologia, descobri que o medo de usar um dispositivo específico

diminui à medida que aumenta o conhecimento de como ele funciona”, relata Norton.

Preparando evangelistas para a web

Capacitar evangelistas para atuar nesse universo é tão importante quanto encontrar novos caminhos para compartilhar Jesus no mundo virtual. Na opinião de Jobson Santos, “existe enorme boa vontade, por parte dos líderes voluntários de sites e blogs, em colaborar com a Igreja, mas essas pessoas precisam receber orientação e motivação. Encontros presenciais e a distância, promovidos pela liderança do setor, são necessários a fim de que esses sites alcancem eficácia em seus esforços e avancem como uma frente unida”.

Por isso, outra prioridade do departamento de Comunicação da Divisão Sul-Americana nos próximos anos será a produção de vídeos com o objetivo de treinar quem deseja fazer evangelismo pela internet, bem como a publicação de artigos sobre estratégias digitais e evangelismo, segundo informa o pastor Rossi.

A capacitação tanto de profissionais quanto de leigos para o evangelismo na internet já faz parte de um plano global da igreja iniciado em 2004 com a criação do GAIN (Global Adventist Internet Network). Nos encontros realizados anualmente, são discutidos temas relacionados com o evangelismo *online* e sobre métodos pelos quais a igreja pode tirar proveito da revolução informativa e digital. O mais recente deles foi realizado entre 24 e 27 de fevereiro, em Silver Spring, Maryland (EUA), com o tema “Contando nossa história em um mundo em rápida mudança”, e tratou do uso do *storytelling* na pregação do evangelho por meio das novas tecnologias.

Vale lembrar que, em 2012, a sede da Igreja Adventista na América do Sul implementou uma versão regional do

programa. A última edição foi entre os dias 13 e 17 de abril, na sede da Novo Tempo, em Jacareí (SP), e reuniu profissionais e leigos. Além dos encontros que envolvem comunicadores dos oito países que compõem a Divisão Sul-Americana, as sedes regionais da organização também vêm multiplicando a ideia de organizar fóruns regionais.

Adequação aos novos tempos

Atenta às transformações no mundo da comunicação, a igreja tem procurado explorar da melhor maneira possível as novas tecnologias, ao mesmo tempo em que busca promover orientação a seus membros quanto ao uso dessas ferramentas no contexto da missão. “Como consequência da revolução digital, a igreja precisa se modernizar sem se mundanizar. Isso significa que ela está atenta a todas as inovações tecnológicas e procura usá-las a serviço da pregação do evangelho”, declara o pastor Rafael Rossi.

Cada vez mais inserida na linha de frente, a internet parece ser o meio ideal para romper fronteiras físicas e culturais. Por meio dela, a mensagem tem chegado a muitos lugares, abrindo portas, inclusive, nas regiões mais hostis ao cristianismo, além de facilitar a aproximação com uma geração que valoriza a interatividade, se conecta a múltiplas mídias simultaneamente e não se vê fora da rede.

Contudo, como ressalta o pastor Rossi, o potencial da ferramenta não deve ser explorado com o objetivo de criar uma igreja virtual, porém de fortalecer a igreja real. Isso reforça a concepção adventista de que a tecnologia é apenas um meio e não um fim em si mesma na missão da pregação do evangelho confiada por Deus aos seres humanos. **TM**

Nota do Editor: Uma versão mais ampla deste artigo será publicada num livro sobre o adventismo e o ciberespaço a ser lançado pela CPB.

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio



Missionários digitais

Estratégias para utilização das redes sociais na proclamação do Reino

A mídia social é o mais rápido instrumento de comunicação na história humana. Ela mudou o modo de interação das pessoas. *Twitter*, blogs, salas de bate-papo, *Facebook* e outras redes sociais compartilham visões e opiniões com o mundo, e de maneira instantânea!

A mídia social nos dá oportunidade de fazer novas conexões *online*. Temos o mundo na ponta dos dedos. Desse modo, podemos conhecer cada vez mais pessoas. Estatísticas mostram que o número de usuários do *Facebook* é de 1.4 bilhão em todo o mundo, e que 640 milhões de minutos são desperdiçados nessa mídia social a cada mês.¹

O que é?

A mídia social “provê um meio de as pessoas compartilharem ideias, matérias, pensamentos e relacionamentos *online*. Ela difere da assim chamada ‘mídia principal’, no sentido de que qualquer pessoa pode criar, comentar e adicionar conteúdos. Pode tomar a forma de texto, áudio, vídeo, imagens e comunidades”.²

É “mídia participativa *online*, na qual notícias, fotos, vídeos e *podcasts* são publicados; tipicamente acompanhada com um processo de votação para assinalar os itens considerados populares”.³

Aqui estão algumas estatísticas referentes à mídia social:

- Três entre quatro pessoas usam regularmente as redes sociais.
- A mídia social tem ultrapassado o e-mail, como atividade número um na web.
- Há mais de 200 milhões de blogs.
- Cada dia são postados cerca de 900 mil textos em blogs.
- 93% dos usuários de mídia social acreditam que as empresas deveriam marcar presença nesse tipo de recurso.

Os primeiros anos da revolução da internet foram empregados na tarefa de conectar os computadores à rede mundial. Durante os anos seguintes, o esforço tem sido feito no sentido de que as pessoas estejam conectadas entre si.

Os meios de comunicação da mídia social têm mudado profundamente nossa vida, especialmente como interagimos uns com os outros e com o mundo ao nosso redor. Aqui estão as principais áreas afetadas:

1. *Fonte de informação.* Cada vez mais, os amigos em mídias sociais têm se tornado fontes de informação mais confiáveis entre as pessoas do que os meios de pesquisa. Além disso, ao obtermos notícias por meio das mídias sociais, sabemos quem as

está compartilhando. Assim, podemos facilmente nos comunicar com a fonte. A notícia está mais social do que antes.

2. *Lançamento de negócios.* Ao passo que no passado os negócios fossem geralmente direcionados às pessoas do círculo imediato do proprietário, a mídia social – blogs, *Twitter*, postagem de vídeos no *YouTube* – tem aberto novas possibilidades para empresários e clientes. Com quem queremos negociar e como vamos promover o negócio são itens cujas opções têm se ampliado cada vez mais com a mídia social. Especialmente para pequenos negócios, essa ferramenta tem se provado inestimável.

3. *Conexão com as pessoas.* A mídia social ajuda a encontrar e manter antigas e novas amizades.

4. *Lugar para autenticidade.* Em geral, pretendemos dar sempre a impressão de que estamos no controle de tudo; mas isso tem mudado, em parte, por causa da mídia social. Agora, o paradigma não é tentar parecer perfeito, mas ser mais transparente em seus pensamentos e sentimentos, e revelar sua humanidade.

5. *Poder de influência.* Mesmo que tenhamos poucos seguidores no *Twitter*, amigos no *Facebook* ou assinantes em

nosso blog, a influência média da pessoa cresce à medida que os canais de comunicação se tornam mais abertos e fluidos. Enquanto a rede mundial para compartilhar e ampliar informações é fortalecida, assim também a habilidade de cada pessoa para influenciar a opinião pública. Como resultado, sentimo-nos menos como espectadores passivos, e mais como participantes que têm voz nos eventos do mundo.

“A internet tem trazido a mídia para uma audiência global. A web tem aberto uma tremenda oportunidade para alcançar diretamente grande número de participantes, com mensagens direcionadas.”¹⁴

Benefícios

Permita-me compartilhar alguns dos benefícios da mídia social:

1. *Tolerância.* As redes de comunicação são boas para administrar a diversidade. Atrás da nossa tela, podemos ser de qualquer cor, nacionalidade, sem medo de não ser aceitos.

2. *Amizade.* As redes sociais dizem respeito à conexão de pontos, ou nós. Tenho um amigo que conhece um amigo a quem poderia recomendar para ser meu amigo. Usualmente, isso segue esse caminho. Somos conectados uns aos outros muito facilmente e não há limitações nem falta de confiança.

3. *Mudança.* As redes são tão versáteis que todos podem manuseá-la, quer em grande ou em pequena escala, formando grupos estreitamente unidos.

4. *Popularidade.* Os grupos são criados de modo que as pessoas se unam e se sintam bem-vindas na comunidade.

5. *Igualdade, pequeno versus grande.* Por exemplo, Amazon *versus* Waterstones. Essa última provavelmente seja a maior e mais conhecida livraria no Reino Unido e em grande parte da Europa. Em algum momento, ninguém pensaria que fosse possível superar sua grandeza e reputação; especialmente não a Amazon, que começou periférica numa escala

muito menor. Atualmente, a Amazon se tornou uma sensação multinacional. Com as redes sociais, os dois tipos de negócio podem ser colocados no mesmo patamar.

6. *Imparcialidade.* Em anos anteriores, os produtores de televisão e executivos do rádio decidiam o que era destacado na mídia. Entretanto, agora tem havido uma redistribuição de poder. Não apenas as pessoas, sentadas em casa, têm o que dizer sobre o que experimentam na mídia, mas também têm oportunidade de realmente participar.

7. *Abertura.* Aqueles que são receptivos a novas experiências são capazes de fazer isso livremente. Assim, podem alcançar outros usuários abertos a novas realidades ao redor do mundo. É assim que simples “vídeos caseiros” acabam tendo alguns milhões de espectadores em sites como YouTube.

8. *Autenticidade.* Todas as pessoas têm sua própria identidade. Não há dois “perfis” ou blogs que sejam exatamente os mesmos. As pessoas podem expressar sua individualidade por meio de toques pessoais, sem as restrições de conformidade.

9. *Globalização.* Não há limites nem obstáculos à conexão.

10. *Participação.* Usando o próprio ID *online*, todos podem participar em qualquer discussão.

11. *Investigação.* A nova regra da era da informação: se você não fizer, alguém o fará.

Desafios

Entretanto, nem tudo é positivo nas redes sociais. Há desafios para os quais devemos ficar atentos:

1. *Vícios da internet.* O vício mais comum e perigoso é o da pornografia, mas podemos mencionar ainda o Facebook, os jogos, entre muitos outros.

2. *Menos contato com familiares.* As pessoas sentem que nas redes sociais elas socializam bastante e parecem reduzir o tempo que gastam se relacionando “ao vivo”, especialmente com familiares.

Como resultado, elas se tornam menos interessadas na vida familiar e tendem a perder contato.

3. *Sentimentos de solidão e depressão.* Pesquisas mostram que as pessoas que gastam mais tempo na internet são mais depressivas e solitárias. Elas perdem de vista a vida no mundo real.

4. *Vida social menos ativa.* Pessoas que gastam mais tempo na internet perdem a vontade de sair e socializar-se.

5. *Exposição a material explicitamente sexual.* Material de sexo explícito pode ser encontrado em qualquer lugar na internet. Mesmo ao acessar um simples site para informação, seja para trabalho ou pesquisa em geral, o usuário estará exposto a muita propaganda sobre sexo.

6. *Fraude online.* Pirataria é um exemplo de fraude *online*. Hackers também podem causar uma série de males aos usuários da internet.

7. *Fluidez de identidade virtual.* As pessoas podem se apresentar de uma forma inteiramente diferente daquela do que realmente são, ao usar uma falsa identidade.

Dicas para o sucesso

Aqui estão quatro dicas simples para o êxito na mídia social:

Encontre pessoas interessadas. Recomendação pessoal é o tipo mais forte de marketing atualmente. Assim, se você encontrar pessoas que estejam interessadas, isso significa que elas conseguirão ainda mais.

Compartilhe conteúdo de qualidade. Conteúdo é o principal. Conteúdo de boa qualidade em sites e nas redes sociais é essencial. Tem de ser atual e disponibilizado regularmente.

Capture a informação. Preste atenção a cada detalhe que ajude a capturar a informação.

Fique atento. Por último, mas não menos importante, fique atento às pessoas que vêm ou foram trazidas a você. Uma comunidade é criada quando um grupo de

peças é reunido. Ficar atento o ajudar a encontrar novos desafios, ideias e relacionamentos com o mundo.

Mídia social missionária

O evangelismo por meio das mídias sociais também é uma frente missionária, que tem como base o método de Cristo para ir às pessoas onde elas estão, simpatizar com elas, atender as necessidades delas e convidá-las para segui-Lo.⁵

O meio empregado por Jesus para espalhar o evangelho foi o discipulado. Devemos incorporar esse método em todo nosso ministério na internet. Missionários digitais precisam ver os contatos que eles fazem como oportunidades potenciais de discipulado, e o evangelista web deve tratar cada visitante como um discípulo em formação.

Discipulado na web é justamente como o discipulado “ao vivo”. Se seguirmos o método de Cristo para alcançar pessoas, podemos ver que Ele gastou tempo com elas e sempre lhes desejou o melhor. Simpatizou com o que lhes dizia respeito e, sempre que possível, atendeu as necessidades delas. Com todos esses fatores, Ele ganhou a confiança das pessoas com as quais interagiu. Somente depois disso, Ele as convidava a segui-Lo.⁶ Tendo como base esse método, aqui está um caminho para o discipulado via mídia social:

- Conecte-se: redes sociais, blogs, salas de bate-papo, sites de interesse comuns.
- Compartilhe material relevante que atenda às necessidades das pessoas e convide-as a conhecer os princípios de vida plena encontrados na Bíblia, por meio de vídeos e artigos.
- Converse com seus amigos *online* para compreender suas necessidades e responder com mensagens relevantes de esperança, encontradas na Bíblia. Nesse processo, talvez seja útil compartilhar sua história pessoal.

- Encontrem-se pessoalmente para desenvolver crença e confiança em Jesus.
- Convide Jesus para essa jornada de desenvolvimento espiritual.

Em cada passo do caminho, sua intenção deve ser tratar cada visitante e contato como um discípulo em potencial. Você deve ter interesse pessoal na vida deles. É impossível esperar discipular 500 ou mil pessoas individualmente, mas você pode tomar tempo para discipular um pequeno grupo e construir relacionamentos pessoais.

Esses relacionamentos formarão os laços necessários para criar a comunidade que atrairá mais e mais pessoas para seu evangelismo através da mídia social. Isso vai além dos meros relacionamentos digitais. Finalmente, todo discípulo que você formar se tornará um membro real de uma igreja real, em algum lugar. Este é o alvo do evangelismo pela mídia social: conexões digitais com discípulos reais, gerando novos membros em igrejas reais.

Missionários digitais

Quem pode ser um missionário digital? Qualquer pessoa. O requisito principal é o entusiasmo pelo uso da internet como caminho para alcançar pessoas de fora da igreja na linguagem delas, em comunidades locais e ao redor do mundo.

Talvez, os missionários digitais sejam os atores mais importantes nesse esforço. Sem eles, o projeto seria incapaz de avançar. A tarefa deles se ramifica em muitas e diferentes direções. Essa tarefa inclui comunicação com o evangelista web, para ajudá-lo a entregar bom conteúdo e a promover seu site. Eles serão ativos, postando materiais, comentários, convidando pessoas e interagindo com elas. O *Facebook* será o instrumento predominante de marketing. Através de grupos e páginas diferentes, eles conversarão com as pessoas e as convidarão para visitar e se unir à rede.

Evangelistas web

A primeira tarefa do evangelista web é encontrar bom conteúdo para ser compartilhado. O passo seguinte é recrutar e treinar missionários digitais, em busca de pessoas desejosas de ajudar a postar conteúdo de boa qualidade e promover o site de sua igreja. Então, através da rede, eles convidam as pessoas a visitar o site, dão-lhes as boas-vindas e conversam com elas. Com o uso do *Facebook*, o evangelista web poderá promover o site da igreja e abrir uma *fan page*, onde interagirá com os usuários diariamente. Ele necessitará seguir estratégias, avaliar resultados e colecionar histórias e testemunhos interessantes.

O evangelista web supervisionará os missionários digitais de sua área, capacitando-os para a tarefa diante deles. Guiará, aconselhará e animará sua equipe, comunicando-se e interagindo semanalmente com ela.

Ele também precisa ser um banco de recursos para os missionários, respondendo perguntas e abordando situações difíceis que eventualmente eles enfrentem ao longo do caminho. Talvez ainda mais importante, esses missionários servirão como guias para discipular seus contatos.

Diante de tudo isso, desafio você a desenvolver uma comunidade *online* com o objetivo de criar um lugar em que as pessoas possam compartilhar ideias e histórias, discutir assuntos favoritos e ser inspiradas ao crescimento integral em seu relacionamento com Deus. **M**

Referências

¹ Facebook Statistics, *Statistic Brain*, <statisticbrain.com>, acessado em 05/01/2016.

² David Meerman Scott, *The New Rules of Marketing and PR: How to Use News Releases, Blogs, Podcasting, Viral Marketing, and Online Media to Reach Buyers Directly* (Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2011), p. 38.

³ Dave Evans, “What is Social Media”, *Social Media Marketing: An Hour a Day*. <readthis.com> Acessado em 8/11/2012.

⁴ *Ibid.*

⁵ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 143.

⁶ *Ibid.*, p. 142.

Flávio Salcedo
Pastor em Porto Alegre, RS



Gentileza do autor

Martin Kuhn
Vice-reitor do Centro Universitário Adventista de São Paulo



William de Moraes

Pausa na **conexão**

Estar inserido no ambiente virtual é importante, mas não deve substituir o relacionamento real com Deus



Você participa de quantas redes sociais? Por acaso, tem ideia da quantidade de fotos, vídeos ou textos que “curtiu” na última semana? Quanto tempo tem utilizado para conferir sua *timeline*? Essas são atividades que, até poucos anos atrás, eram inexistentes em nossa rotina. De fato, nossa sociedade está totalmente integrada às conexões proporcionadas pela internet. Dentro da rede mundial de computadores, há diversos sistemas que proporcionam o contato e a interação entre pessoas e organizações. A esses sistemas, damos o nome de redes sociais.

Por meio delas é possível encontrar amigos de escola que não vemos há anos, compartilhar momentos felizes de nossa vida, opinar sobre fatos cotidianos e ter acesso aos mais diversos conteúdos. Também é possível evangelizar por meio das tecnologias contemporâneas. A Igreja Adventista tem usado as redes sociais para alcançar pessoas que, no mundo “*off-line*”, não seriam facilmente abordadas. Como líderes de igreja, também podemos utilizar essa ferramenta para manter contato com os membros de nossas congregações, delegar tarefas, compartilhar informações importantes ou divulgar eventos.

Todavia, esse sistema é uma via de mão dupla. Ao mesmo tempo que podemos alcançar mais pessoas, também se tornou mais fácil sermos alcançados. Quanto maior for nossa presença nas redes sociais, maiores serão as chances de sermos procurados. Essa facilidade faz com que os membros de nossas igrejas esperem que nosso tempo de resposta seja rápido. Assim, precisamos ser cada vez mais velozes em visualizar, mais ágeis em responder e mais eficazes em produzir conteúdos que atendam às necessidades congregacionais. Então, chega o sábado e, com ele, a dúvida: permanecer ou não conectado?

Retrato de nosso tempo

Antes de responder a essa questão, é preciso compreender um pouco da sociedade em que estamos inseridos. Certamente, uma de suas características é a impaciência. Para Eduardo Giannetti, as pessoas vivem em um conflito entre a espera e a consumação imediata, preferindo as realizações e os prazeres agora, mesmo tendo consciência das consequências com as quais se depararão no futuro.¹ Talvez isso não seja novidade para nós; entretanto, o que não percebemos é que estamos em meio a fortes correntezas que nos levam na mesma direção. Eugênio Trivinho apresenta essa condição como “a violência da velocidade”.² Possivelmente não percebamos, mas vivemos em uma sociedade impaciente que procura ser mais rápida e eficiente para ter tudo o que deseja aqui e agora. Essa busca se intensifica com a utilização da internet, pois essa ferramenta nos permite agir de maneira mais rápida. Pesquisamos, compramos e nos relacionamos com poucos cliques. Pegamos nosso *smartphone* e enviamos recados para os membros de nossas congregações enquanto esperamos o sinal ficar verde, para “ir agilizando as coisas”. Todo tempo ocioso, mesmo que seja de poucos segundos, é utilizado para resolver algo. Estamos sempre conectados. Queremos ser cada vez mais produtivos e a interação por meio das redes sociais nos proporciona isso. Contudo, é preciso lembrar que não passamos incólumes à violência da velocidade e às consequências da conexão constante.

Susan Greenfield alerta para os perigos ao cérebro que a permanente conexão à internet tende a promover.³ Ela destaca a diferença entre a televisão e a internet: “Há uma grande diferença para o que fazemos na internet, que é altamente interativa e também tende a ser mais estimulante.”⁴ É justamente esse estímulo característico dos ambientes digitais que os tornam mais atrativos e viciantes. Computadores, *tablets*,

smartphones, enfim, os dispositivos interativos, quando usados de maneira excessiva e ininterrupta, deixam a mente em um estado de confusão sobre a realidade.⁵ Nicholas Carr afirma que as pessoas nesse estado perdem momentaneamente a noção clara do que seja passado, presente ou futuro, e comenta que a disponibilidade instantânea promovida por esses dispositivos não é dominada pela cognição, mas pelos sentidos, deixando a mente em um estado semelhante ao provocado pelo Alzheimer ou mesmo pelo autismo.⁶ Ellen White escreveu sobre a referida condição, deixando-nos uma clara admoestação sobre essa perigosa realidade: “Parece estar-se apoderando do mundo, em muitos sentidos, uma intensidade qual nunca antes se viu. Nos divertimentos, no ganhar dinheiro, nas lutas pelo poderio, na própria luta pela existência, há uma força terrível que absorve o corpo, o espírito e a alma. Em meio a essa corrida louca, Deus fala. Ele nos ordena que fiquemos à parte e tenhamos comunhão com Ele. ‘Aquietai-vos, e sabeí que Eu sou Deus’ (Sl 46:10).”⁷

Tempo para se desconectar

Em um panorama como esse, o sábado exerce uma função paradoxal. Ele é como uma pausa nesse sistema veloz e um antídoto para os males da conexão constante. Assim, fica fácil compreender porque, para algumas pessoas, esse dia é considerado monótono ou até mesmo inútil. Vive-se praticamente uma crise de abstinência. O sábado vai contra a velocidade da sociedade, contra a necessidade implacável de conexão, contra aquilo a que estamos acostumados. Nesse tempo sagrado, o ser humano não é avaliado pelo que produz, mas pelo que é: um filho de Deus. No sábado, nossa adoração não é mensurada por quantas atividades da igreja conseguimos atender, mas pela ligação que temos com nosso Criador por meio de nosso corpo e mente.

Costumamos nos lembrar de Êxodo 20:8-11 e de suas especificações acerca de

não fazer nenhum trabalho. Geralmente, isso nos remete ao descanso físico. Todavia, em Isaías 58:13-14 temos a afirmação clara de que o descanso de nossa mente e o direcionamento dela a questões espirituais compõem nossa adoração plena. Aplicado à atualidade, esse texto nos ensina não só a não “trabalhar” aos sábados nas redes sociais, mas também a refletir sobre o que vemos nelas durante esse tempo sagrado.

A respeito disso, é importante saber como as redes sociais funcionam e como elas escolhem o conteúdo que nos é apresentado. Vamos tomar como exemplo o *Facebook*. Tudo que visualizamos, curtimos, compartilhamos ou comentamos é filtrado pelos sistemas (algoritmos) que fazem a rede social funcionar. Nada passa despercebido. Você já notou que depois de procurar algum produto ou serviço, mesmo que seja em outro site, aparecem ofertas do item procurado em sua *timeline*? Todas as suas ações são catalogadas e constituem seu perfil *online* para que as empresas possam oferecer exatamente aquilo de que você precisa. Essas empresas lucram por meio das informações obtidas de seus usuários. Todos nós somos “funcionários”, gerando conteúdo e produzindo informações que são coletadas pelas redes sociais e vendidas aos anunciantes. Esse processo ocorre toda vez que nos conectamos, inclusive, aos sábados.

Assim, após curtir, comentar, compartilhar, ver ou publicar algo relacionado a nosso esporte favorito ou à nossa carreira profissional, o *Facebook* irá mostrar em nossa *timeline* mais conteúdos alusivos a esses assuntos. Entretanto, como o sistema que gerencia esse processo não é adventista do sétimo dia, ele não selecionará, no sábado, apenas temas apropriados para esse dia. Portanto, as publicações que aparecem em nossa *timeline* refletem os conteúdos vistos durante a semana. Embora não “cuidemos de nossos próprios

interesses” no sétimo dia, acabamos permitindo que eles venham a nós por meio do *smartphone*. Uma foto ou uma publicação que desvie o foco do propósito do repouso sabático é suficiente para estragar o espírito de adoração nesse dia.

O sábado é um lembrete eterno de Deus como Criador, um tempo separado por Ele para que o ser humano experimente restauração física e mental. Durante esse dia, o Senhor deseja que Seus filhos encontrem a paz por meio de uma conexão real com o Céu. Ellen White reforça a importância desse cuidado: “Ao começar o sábado, devemos pôr-nos guarda a nós mesmos, a nossos atos e palavras, para que não roubemos a Deus, apropriando-nos para nosso próprio uso daquele tempo que pertence estritamente ao Senhor.”⁸

É mais fácil para o observador do sábado identificar os itens “não sabáticos” pré-definidos e tradicionalmente aceitos e assim evitá-los. Contudo, como a internet e suas atividades tem natureza fluida, disfarçada e intensa, os cristãos ficam vulneráveis a falhas na avaliação da real violência de uma imersão descuidada nesse universo, permitindo-se a distração e a perda de foco naquilo que é realmente prioritário (Mt 6:33).

Devemos ficar atentos com respeito à força persuasiva e ao caráter dominante que a cibercultura exerce na vida dos observadores do sábado. Muitos filhos de Deus até desejam se desconectar. Entretanto, não conseguem deixar de conferir, mesmo no sábado, redes sociais, notícias, músicas e informações. É uma compulsividade que não se interrompe ao pôr do sol de sexta-feira. Como vimos, isso é muito perigoso. Então, o que devemos fazer? A resposta é simples. O sábado deve ser um dia de conexão com o Criador e desconexão das coisas deste mundo. Um dia para apreciar a paz do convívio com o Pai Celestial e evitar a agitação e a ansiedade (Lc 10:41).

Precisamos proteger nossa mente desligando os aparelhos e ligando nossos pensamentos ao Criador por meio do descanso, da adoração, dos relacionamentos sociais e das atividades missionárias. Ellen White afirmou: “O sábado foi feito para o homem para lhe ser uma bênção mediante o desviar-lhe a mente do trabalho secular para a contemplação da bondade e glória de Deus. É necessário que o povo de Deus se reúna para falar acerca Dele, para trocar pensamentos e ideias a respeito das verdades contidas em Sua Palavra, e dedicar uma parte do tempo à devida oração. Esses períodos, porém, mesmo no sábado, não deviam ser tornados tediosos por sua extensão e falta de interesse.”⁹

A contemplação e a meditação parecem não encontrar espaço no estilo de vida atual, e isso dificulta a qualidade da adoração e do descanso no tempo sabático. O que se observa por todos os lados são os esforços do inimigo para impedir que o homem desenvolva o caráter do Criador mediante um tempo de conexão mental e espiritual com Ele. Portanto, manter o pensamento alinhado com o alto deve ser nossa maior prioridade. O sábado é uma experiência espiritual. E para que essa experiência seja plena, o estado de espírito do adorador precisa entrar em sintonia com a eternidade. **M**

Referências

¹ Eduardo Giannetti. *O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros* (São Paulo: Companhia das Letras, 2005).

² Eugênio Trivinho. *A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada* (São Paulo: Paulus, 2007).

³ Susan Greenfield. “O lado sombrio da tecnologia”, *Veja* (São Paulo: Editora Abril), set. 2012.

⁴ *Ibid.*

⁵ Nicholas Carr. *A geração superficial. O que a internet está fazendo com os nossos cérebros* (Rio de Janeiro: Agir, 2011).

⁶ *Ibid.*

⁷ Ellen G. White. *Educação*, p. 260.

⁸ Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, v. 2, p. 529.

⁹ *Ibid.*, p. 583.



Cortezia da autora

Isaías 14 e a queda de Satanás

Apesar dos críticos, podemos continuar acreditando na interpretação tradicional

Durante séculos, o rei da Babilônia apresentado em Isaías 14 tem sido interpretado como sendo Satanás, e os versos 12-14 do capítulo como a história de sua queda do Céu. Entretanto, nos últimos 200 anos, essa interpretação perdeu popularidade entre estudiosos devido ao surgimento de novas formas de abordar o texto bíblico. Achados arqueológicos têm contribuído de maneira significativa para o abandono da leitura tradicional, levando muitos a buscar explicações em fontes extrabíblicas. Vários cristãos, porém, continuam utilizando essa passagem para explicar as origens do mal e a noção de que Satanás era chamado de Lúcifer antes de sua queda. Tal interpretação seria apoiada pelo texto bíblico?

O cântico

O começo do capítulo explica as circunstâncias sob as quais o cântico deve ser lembrado: “No dia em que Deus vier a dar-te descanso do teu trabalho, das tuas angústias e da dura servidão com que te fizeram servir” (Is 14:3). O retorno do exílio babilônico ainda estava mais de um século no futuro,¹ quando o decreto de Ciro permitiria a reconstrução de Jerusalém. No

entanto, considerando que o cumprimento dos versos 1-2 foi apenas parcial e as conotações do “descanso” prometido mais profundas, é possível que o cântico se estenda para muito além de sua situação histórica.

A introdução do cântico informa ao leitor que o Senhor prometeu um repouso a Seu povo. A canção, então, relata de que modo Ele cumprirá Sua promessa. No verso 4, a construção “proferir + motejo + dizer” carrega conotações negativas e introduz uma advertência profética,² indicando que Deus realizará Seus propósitos destruindo o rei da Babilônia. O cântico de Isaías 14 segue o padrão de um canto fúnebre,³ mas, ironicamente, após o Senhor derrotar os dominadores perversos e o rei da Babilônia quebrando sua vara e seu cetro (v. 4-6), a terra irrompe em júbilo (v. 7), uma ocasião alegre para o povo de Deus.⁴

O Senhor está novamente ativo na conclusão do cântico, no qual Isaías repete a ideia de que a destruição do rei foi resultado do juízo divino (v. 22-23). Assim, as ações divinas criam uma moldura em torno do poema, enfatizando que Deus é fiel em cumprir Sua promessa de dar descanso a Seu povo.

O cântico é quase inteiramente construído usando-se paralelismos. A maioria dos paralelos são entre dois elementos, um explicando o outro. No verso 5, por exemplo, não se apresentam apenas os “perversos”, mas os “dominadores” perversos. Esse tipo de paralelismo é encontrado tanto em unidades menores quanto em maiores.⁵ Isso se torna relevante para a compreensão do escopo do cântico, quando observamos as mudanças de perspectiva dentro do poema:

Versos	Perspectiva	Foco
4-7	Terceira pessoa	Dominadores perversos
8-12	Segunda pessoa singular	O rei da perspectiva de outros
13-14	Primeira pessoa singular	Desejos íntimos do rei
15-20	Segunda pessoa singular	O rei da perspectiva de outros
21-23	Terceira pessoa	Descendentes do rei

Uma discussão interessante surge quando colocamos ambas as seções em terceira pessoa em paralelo. Nos versos iniciais, a impressão que o leitor tem é de que Deus está lidando com os dominadores perversos em geral, trazendo paz à Terra inteira (v. 7). Na seção final, porém, o sujeito que recebe o juízo é mais específico: os descendentes do rei. A questão é: qual seria a relação entre ambos os grupos? O segundo grupo está incluso no primeiro, de dominadores perversos, ou ambos estão em paralelo? Aplicando o mesmo princípio de paralelismo encontrado em unidades menores do poema, chega-se à conclusão de que os grupos se complementam, reforçando a ideia de que os dominadores perversos mencionados nos versos 4-7 são os mesmos descendentes do rei que são julgados nos versos 21-23. Isso implica que todos os dominadores perversos da terra estão, de alguma forma, diretamente ligados ao rei da Babilônia ou influenciados por ele. A noção de que Deus está destruindo o poder dos dominadores e inimigos em geral, todos considerados “descendentes” do rei, aponta para uma perspectiva universal na qual a opressão e a tirania serão completamente aniquiladas.⁷

Observando o movimento e o espaço dentro do poema, duas dimensões vêm à tona. Primeiramente, a palavra “terra” permeia todo o cântico.⁸ Adicionando seus sinônimos “nações” e “mundo”, alcançamos um total de 12 ocorrências. De acordo com Alter, essa é uma forma de enfatizar o escopo cósmico do poema.⁹ Referências a essa perspectiva são feitas por meio de expressões como “toda a Terra” e “todos os reis das nações”. O espaço inteiro é utilizado: as florestas e os desertos, as cidades e as águas. A Terra inteira canta, treme, é destruída e eventualmente encontra a paz. Então, temos a dimensão vertical. A atividade não está limitada à Terra inteira, ela se estende a ponto de incluir o *sheol* e os céus, completando o eixo vertical. O foco varia entre esses três níveis,

e o juízo de Deus contra o rei da Babilônia afeta o Céu, de onde ele é lançado, a Terra, que encontra o descanso prometido, e *sheol*, que se agita por causa da vinda do rei, ampliando ainda mais o alcance universal de Isaías 14.

O coração do rei

Quando se observa o paralelismo do poema, nota-se algo peculiar nos dois versos centrais. Após uma introdução (“Tu dizias no teu coração”, v. 13), uma série de sete frases paralelas descreve o desejo do rei de se exaltar. Considerando que todas as outras formas de paralelismo encontradas na canção envolvem apenas dois elementos, essa concentração de paralelos claramente chama a atenção e requer um estudo mais aprofundado. Uma análise dos desejos mais íntimos do rei revela a razão pela qual ele foi destruído. Todas as suas vontades estão interligadas, expressando a pretensão de se elevar para uma esfera celestial e fazer para si mesmo um reino estável, no lugar em que Deus está entronizado (Sl 27:5; 57:5; 78:69). O desejo máximo do rei é de se assentar no trono mais alto e poderoso possível. Não apenas isso, mas uma análise das conotações teológicas dos verbos indica que ele está tentando ganhar o mesmo status e posição que Deus. Não se pode comparar o Senhor com seres ou reis mortais – é loucura sequer tentar (Sl 89:7; Is 40:18; 46:5).¹⁰ Todavia, é exatamente isso que o rei da Babilônia quer e, em lugar de se humilhar perante Deus, reconhecendo Sua superioridade, ele deseja ser aquele que recebe a honra. Contudo, longe disso, ele cai do Céu de maneira humilhante, violenta e degradante.

Por causa de sua magnitude, montanhas eram muitas vezes associadas ao imutável. Entretanto, mesmo os montes poderosos estão sujeitos a Deus, e Ele os escolhe, com frequência, como símbolo de Seu poder. Foi no Sinai que Israel viveu a maior manifestação da presença do Senhor. Tanto Sinai quanto Sião (cf. Sl 48:2)

estão ligados à aliança e à teofania.¹¹ A conexão com a palavra “congregação” lembra ao leitor o tabernáculo, a residência que Deus escolheu para habitar entre Seu povo, e indica ser nesse monte que está o trono do Senhor, o lugar em que Ele se encontra com Suas criaturas. Assim, a ambição do rei era se assentar no trono exaltado, no monte da congregação, no Céu, a habitação do próprio Deus.

Portanto, o que causou sua queda foi seu orgulho e sua recusa de se curvar perante o Senhor. Ele pode ter alcançado glória temporária, mas acabou falhando e perdendo a pouca glória que tinha, tornando-se como os reis fracos e mortos das nações (v. 10). Desse modo, a vitória de Deus sobre o rei da Babilônia é justificada, pois o adversário ousou cobriçar o trono divino.

O rei

A designação do rei da Babilônia como “estrela da manhã, filho da alva” no verso 12 tem levado muitos comentaristas a voltarem sua atenção para o Antigo Oriente Médio, onde astronomia e astrologia tinham funções centrais.¹² Alguns associam o título com mitologia cananita,¹³ por ter sido encontrado nos textos de *Ras Shamra*.¹⁴ Entretanto, conforme Watts comenta, “nenhum mito como tal foi encontrado em Canaã ou entre outros povos”.¹⁵ É mais provável que Isaías estivesse apenas fazendo uma analogia astronômica ao associar o rei com a estrela da manhã: apesar de tentar subir acima do horizonte toda manhã, ela desaparece quando o Sol sai e não consegue realizar sua ascensão para “acima das estrelas”.¹⁶

Isaías 14 nos dá *insights* a respeito do mundo de poderes malignos e da ação de Deus de subjugá-lo. Essas ideias ocorrem em todo o Antigo Testamento, especialmente em passagens que retratam o desejo de “se tornar como Deus” (Gn 3), ou de alcançar o Céu (Gn 11). O personagem em Ezequiel 28 também tem semelhanças surpreendentes com o rei da Babilônia;¹⁷


contudo, é o Novo Testamento que nos dá uma compreensão melhor do grande conflito entre os poderes do bem e do mal. Apesar de não ter nenhuma citação direta de Isaías 14 no NT, há várias alusões ao texto – especialmente aos versos 12 a 15 – todas em contextos onde Satanás é mencionado (Lc 10:13-16, 18; Ap 8:10; 9:1; 12:9; 20:3).

Tertuliano, Justino e Orígenes provavelmente tenham sido alguns dos primeiros autores cristãos a reconhecer o rei da Babilônia como o diabo,¹⁸ uma associação que certamente foi influenciada pela literatura apocalíptica intertestamentária judaica¹⁹ em sua tentativa de identificar Satanás como um anjo caído. Posteriormente, essa conexão foi retomada pelo NT e os primeiros pais da igreja.²⁰ Tal identificação era comum durante a Idade Média, mas perdeu sua popularidade em tempos recentes, especialmente depois que o liberalismo ganhou força em círculos teológicos. Possíveis conexões com mitologias pagãs eram mais atraentes, levando muitos estudiosos a deixar de lado a interpretação tradicional como sendo alegórica, e procurando explicações em mitos do Antigo Oriente Médio. Atualmente, apenas uma minoria de autores menciona Satanás ao comentar Isaías 14.

Parece, porém, prejudicial ao texto procurar paralelos exclusivamente em fontes extrabíblicas, pois isso ignora o ponto de vista bíblico. A identificação do rei da Babilônia como Satanás é uma ideia que não procede explicitamente de Isaías ou do AT. Entretanto, parece haver evidência suficiente de que é o NT – via tradição judaica – que dá base à interpretação tradicional. Dessa forma, são as próprias Escrituras que nos mostram como deveríamos entender o rei: não apenas como inimigo histórico de Israel, mas como poder maligno trabalhando contra Deus e Seu povo, identificado no Apocalipse como diabo e Satanás.²¹

Conclusão

Isaías 14 foi primariamente escrito tendo em vista a promessa da libertação do exílio babilônico. Ao mesmo tempo, percebe-se que há vários elementos difíceis de explicar no nível histórico, levando muitos autores a defender a impossibilidade de identificar o rei somente com um personagem histórico.²² Um estudo linguístico da passagem confirma o alcance universal do poema, levando-nos a uma batalha espiritual maior entre Deus e os adversários que impedem o descanso final prometido para o povo escolhido. Quando analisado e comparado ao restante das Escrituras, chegamos à conclusão de que a identificação do rei da Babilônia com Satanás é possível e legítima. A ênfase encontrada no próprio texto hebraico nos versos 13-14 destaca a justiça por trás do julgamento divino contra o rei, cujo desafio contra o Senhor o levou à ruína.

Assim, quando Deus disse em Isaías 14:22 que destruiria o nome e a posteridade de Babilônia, Ele não estava apenas livrando Israel de seu inimigo histórico, mas dando também à humanidade uma promessa de livramento de todos os poderes do mal, e de descanso de seu sofrimento e escravidão. Nada impedirá a Terra de irromper em cânticos de alegria, pois o rei da Babilônia, o inimigo final, foi derrotado. 

Referências

- ¹ Is 14:28 nos ajuda a datar a mensagem do capítulo 14 no ano 716/15 a.C.
- ² Robin Wakely, "sahar", *NIDOTE*, 2:1135.
- ³ O ritmo do cântico é 3 + 2, típico de uma lamentação ou canção fúnebre. A exclamação "como" nos versos 4 e 12 geralmente descreve a lamentação na morte de alguém (Leander E. Keck, *Isaiah – Ezekiel* [NIBC 6; Nashville: Abingdon, 2001], p. 150-161).
- ⁴ A ironia é enfatizada também pelo fato de que, ao invés de *qinah*, "lamentaçã", Isaías usa *rinnah*, "cântico de júbilo" (Robert Alter, *The Art of Biblical Poetry* [Nova York: Basic, 1985], p. 18).
- ⁵ No verso 9b, por exemplo, "todos os príncipes da terra" estão em paralelo com "todos os reis das nações".
- ⁶ As mudanças de perspectiva se baseiam nos verbos e sufixos.

⁷ John D. W. Watts, *Isaiah 1-33* (WBC 24; Waco: Nelson, 1985-1987), p. 203-204; Wim Beuken, Ulrich Berges e Erich Zenger, *Jesaja 13-27* (Freiburg: Herder, 2007), p. 61.

⁸ Alter, p. 149.

⁹ *Ibid.*

¹⁰ A. H. Konkel, "dmh", *NIDOTE*, 1:967-968.

¹¹ *Ibid.*

¹² Jac Sasson, ed., *Civilizations of the Ancient Near East* (Peabody: Hendrickson, 2000), 1860, 1907.

¹³ John Goldingay argumenta que esses temas seriam reconhecidos pelo público israelita como vindos de mitos estrangeiros, já que tanto "estrela da manhã" quanto "filho da alva" eram títulos de deuses cananitas (*Isaiah* [NIBC 13; Peabody: Hendrickson, 2001], p. 102-103). J. Oswalt diz: "As indicações são de que o profeta não dependia de apenas uma história, mas usou um número de temas correntes para servir ao seu propósito" (*The Book of Isaiah 1-39* [NICOT; Grand Rapids: Eerdmans, 1986], p. 322). Não se pode afirmar, porém, que os israelitas foram influenciados por mitologia estrangeira. Há sempre a possibilidade de que a influência tenha ocorrido na direção oposta.

¹⁴ Wakely, 4:85-89

¹⁵ Watts, p. 209.

¹⁶ Ruppert, "sahar", *ThWAT* 7:1231.

¹⁷ Walther Eichrodt, *Der Herr Der Geschichte Jesaja 13-23 u. 28 - 39* (BAT 17; Stuttgart: Calwer, 1967), p. 25.

¹⁸ Otto Böcher, "Teufel", *TRE* 33:125-126.

¹⁹ Veja 2En 29:1-4 e Ap El 4:11, onde se encontram ecos de Isaías 14.

²⁰ "Satan", *ODJR*, 609. Por causa dessas primeiras identificações de Satanás em Isaías 14:12 e da crença muito difundida de que ele era chamado de Lúcifer (em latim, "portador de luz") antes de sua queda, a expressão "estrela da manhã" passou a ser traduzida como "Lúcifer" em "literatura influenciada pela Bíblia latina e a KJV. Entretanto, a tradução 'Lúcifer' é insustentável e não se encontra em versões mais recentes" (Larry L. Walker, *Isaiah, Jeremiah and Lamentations* [CBC 6; Carol Stream: Tyndale, 2005], p. 68). Ver também: Keck, p. 159.

²¹ Walker diz: "Apesar de Satanás não ser o sujeito imediato em Isaías, o restante das Escrituras deixa claro que ele é o ser por trás dos reis malignos" (p. 68). Assim também Derek Thomas: "A despeito de que Satanás não é referido especificamente em 14:12, sua sombra está por trás dessa passagem" (*God Delivers: Isaiah Simply Explained*, Welwyn Commentary Series [Darlington: Evangelical, 1991], p. 126).

²² "A tentativa de identificar um personagem histórico específico provavelmente seja fútil [...] Nenhum dos reis do império neo-babilônico se encaixa na passagem, assim como nenhum dos reis assírios dos dias de Isaías" (Oswalt, p. 311-314).



Gentileza do autor

Porta-voz do Céu

O ministério dos profetas é a resposta à iniciativa divina e à necessidade humana de instrução e direção de Deus

O prólogo do evangelho de João apresenta resumidamente a pessoa e a missão de João Batista. “Houve um homem enviado por Deus cujo nome era João. Este veio como testemunha para que testificasse a respeito da luz, a fim de todos virem a crer por intermédio dele. Ele não era a luz, mas veio para que testificasse da luz” (Jo 1:6-8). Essas palavras inspiradas são adequadas para descrever a realidade humana e a vocação divina de um profeta. Fica claro que o verdadeiro profeta é chamado e enviado por Deus. Sua missão é ser o porta-voz do Senhor aos homens, e seu testemunho não se centraliza em si mesmo, mas naquele que o enviou. Deus suscita os profetas e põe Suas palavras em seus lábios. Davi afirmou: “O Espírito do Senhor fala por meu intermédio, e a sua palavra está na minha língua” (2Sm 23:2).

No entanto, os profetas continuavam a ser pessoas comuns, com as fraquezas e imperfeições próprias da humanidade. João Batista foi testemunha da chegada do

Messias prometido e dirigiu a atenção de sua audiência à figura do Redentor. Contudo, quando foi preso devido à sua mensagem ousada, cedeu diante da incerteza: “És Tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro?” (Mt 11:3). Moisés liderou o êxodo e a peregrinação de seu povo, em nome do Senhor, mas deixou de honrar a Deus frente à terra prometida (Nm 20:7-13). O mesmo Davi, que disse: “A Rocha de Israel a mim me falou” (2Sm 23:3), teve que ser repreendido em mais de uma ocasião por causa de seus pecados. Tiago escreveu: “Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos” (Tg 5:17).

Como porta-voz do Céu, o profeta traz uma mensagem proveniente do alto. Aquele que deixa de ouvi-la devido às imperfeições do mensageiro deixará de ouvir o que Deus tem a dizer por meio dele.

A singularidade do profeta

Os profetas viveram em tempos e lugares muito diferentes. Nós os encontramos nas diversas etapas da história narrada nas

Escrituras. Na era patriarcal, podemos mencionar Enoque (Jd 14), que viveu antes do dilúvio. No período do êxodo, destacamos Moisés. Na época dos juízes, lembramos de Samuel. Durante o reino unido de Israel, viveram profetas como Gade e Natã. Ao longo do reino dividido, profetas se sucederam, como Jonas, Amós, Oseias, Miqueias, Isaías, Naum, Habacuque, Sofonias e Joel. Durante o cativeiro babilônico, atuaram grandes profetas, como Jeremias, Ezequiel e Daniel. Depois do exílio, destacaram-se profetas como Ageu, Zacarias e Malaquias. Pouco mais de 30 profetas podem ser identificados como autores dos livros do Antigo Testamento. O Novo Testamento menciona profetas e profetisas (At 13:1; 21:8-11). Ao completar-se o conjunto de livros que compõem as Escrituras, transcorreram mais de 15 séculos e 40 autores.

O perfil cultural e o cenário social dos profetas não poderiam ser mais contrastantes. Moisés descendia da tribo de Levi, nasceu no Egito e foi criado como filho adotivo de uma princesa (a filha do faraó).

Josué liderou a entrada de Israel em Canaã; Débora foi juíza em Israel. Samuel, oriundo de uma família sacerdotal, foi o último dos juízes. Natã e Gade se mudaram para a corte de Jerusalém como videntes e conselheiros. Davi foi poeta, músico, guerreiro e rei. Entre os profetas houve cantores e músicos como Asafe e Hemã. Salomão foi rei, sábio e construtor. Amós foi pastor de ovelhas e boiadeiro. Isaías e Sofonias provavelmente tivessem ligações com a realeza. Jeremias, Ezequiel, Zacarias e João Batista eram descendentes de sacerdotes. Daniel era proveniente de uma família real de Judá e trabalhou na corte dos reis da Babilônia e da Pérsia. Paulo conhecia a cultura grega e romana, além de ter sido um fariseu erudito. Tiago e Judas eram “irmãos do Senhor” (Mt 13:55; Mc 6:34; Gl 1:19). Pedro e João eram pescadores.

Houve profetas que não deixaram mensagens escritas, e houve profetas escritores. Entre eles, houve aqueles que, pela extensão de seus escritos, são considerados maiores (Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel) e mensageiros que, devido à brevidade de suas profecias, são chamados de profetas menores (menores na quantidade, não na qualidade nem na inspiração de seus escritos). Os profetas também responderam ao chamado divino em diferentes etapas da vida. Moisés tinha 80 anos quando Deus o enviou para libertar Israel. Samuel e Jeremias eram crianças quando foram convocados para o ministério profético (1Sm 3; Jr 1:6). Por outro lado, Ageu escreveu suas profecias em idade avançada.

Em grande medida, cada profeta foi único. Não houve dois iguais, embora tenham falado sobre temas semelhantes. O que os igualava era a certeza da origem divina de sua vocação e a convicção de que o Céu lhes havia entregado uma mensagem importante para compartilhar com os habitantes deste mundo. “Nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens santos falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (2Pe 1:21). Às vezes, o

profeta aceitava o convite divino a contragosto, como no caso de Moisés (Êx 3; 4), Jeremias (Jr 20:7-9) e Jonas.

Profetas e profetisas

A escolha de um profeta é um ato soberano da vontade divina. As pessoas não se preparam para ser profetas nem solicitam ou se candidatam para essa responsabilidade.

Na Bíblia, a primeira mulher chamada de profetisa foi Miriã, irmã de Arão e Moisés. Não temos muita informação de como ela desenvolveu essa função, mas pelo menos em uma ocasião ela dirigiu as mulheres em uma celebração após a travessia do mar Vermelho. “A profetisa Miriã, irmã de Arão, tomou um tamborim, e todas as mulheres saíram atrás dela com tamborins e com danças. E Miriã lhes respondia: Cantai ao Senhor, porque gloriosamente triunfou e precipitou no mar o cavalo e o seu cavaleiro” (Êx 15:20-21). Por meio de Miqueias, Deus falou a Israel, muito tempo depois: “Pois te fiz sair da terra do Egito e da casa da servidão te remi; e envie adiante de ti Moisés, Arão e Miriã” (Mq 6:4).

Débora foi juíza e também profetisa em Israel. Ela liderou a luta contra os opressores cananeus. “Débora, profetisa, mulher de Lapidote, julgava a Israel naquele tempo. Ela atendia debaixo da palmeira de Débora, entre Ramá e Betel, na região montanhosa de Efraim; e os filhos de Israel subiam a ela a juízo” (Jz 4:4-5).

Nos dias do bom rei Josias, aparece a figura da profetisa Hulda. Em decorrência do achado do livro da lei, o rei, em humilhação, desejou consultar a Deus. O relato diz: “[...] foram ter com a profetisa Hulda, mulher de Salum, [...] e lhe falaram. Ela habitava na cidade baixa de Jerusalém. Ela lhes disse: Assim diz o Senhor, o Deus de Israel: Dizei ao homem que vos enviou a mim: [...]” (2Rs 22:14-16).

O Novo Testamento destaca a figura de Ana. “Havia uma profetisa, chamada Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser, avançada em dias, que vivera com seu marido sete

anos desde que se casara e que era viúva de oitenta e quatro anos. Esta não deixava o templo, mas adorava noite e dia em jejuns e orações. E, chegando naquela hora, dava graças a Deus e falava a respeito do menino a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém” (Lc 2:36-38). Filipe, “o evangelista”, que vivia em Cesareia, tinha quatro filhas que profetizavam. (At 21:9).

Joel disse que o Espírito de Deus convocaria pessoas de diferentes idades, gêneros e posições sociais. “E acontecerá, depois, que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões; até sobre os servos e sobre as servas derramarei o meu Espírito naqueles dias” (Jl 2:28-29).

Herbert Douglass comenta: “A descrição bíblica do sistema divino de comunicação inclui tanto homens como mulheres. Embora mencionadas menos vezes que os homens, as mulheres profetisas foram reconhecidas por seus contemporâneos como autênticas mensageiras do Senhor. Elas explicaram as Escrituras, aconselharam líderes e fizeram importantes predições.”¹¹

Profetas da nova aliança

O Novo Testamento reconhece amplamente a autoridade divina dos profetas do Antigo Testamento. Quando Jesus mencionou: “Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim” (Jo 5:39), estava se referindo ao Antigo Testamento. Quando Paulo disse a Timóteo, seu filho na fé: “Desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça [...]” (2Tm 3:15-17), ele fez alusão aos escritos dos profetas do Antigo Testamento.

Ao mesmo tempo, o Novo Testamento fala de outros profetas, que não são dos tempos do Antigo Testamento. Aparece a

preeminente figura de João Batista, anunciando a obra redentora de Cristo. Simeão e Ana pronunciaram palavras proféticas durante a apresentação de Jesus. Ágabo, entre outros, profetizava nos tempos apostólicos (At 11:27-28). Atos 13:1 diz: “Havia na igreja de Antioquia profetas e mestres: [...]”. Um pouco mais adiante, pode-se ler: “Judas e Silas, que eram também profetas, consolaram os irmãos com muitos conselhos e os fortaleceram” (At 15:32).

É verdade que o Novo Testamento adverte contra o surgimento de falsos profetas (Mt 7:15-20; 24:11, 24; 2Pe 2:1; 1Jo 4:1), mas ao falar das falsificações, deixa claro que haveria mensageiros verdadeiros. Em 1 Tessalonicenses, considerado por alguns como o primeiro documento do Novo Testamento, Paulo expressou conceitos claros: “Não apagueis o Espírito. Não desprezeis as profecias; julgai todas as coisas, retendo o que é bom” (1Ts 5:10-21). Por

outro lado, o apóstolo João alertou: “Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora” (1Jo 4:1). Haveria falsificações, mas também verdadeiras manifestações do dom de profecia.

Nas listas neotestamentárias dos dons espirituais (Rm 12; Ef 4 e 1Co 12-14), o dom de profecia aparece de forma destacada. Escrevendo a esse respeito, Paulo disse: “Segui o amor e procurai, com zelo, os dons espirituais, [...] Mas o que profetiza fala aos homens, edificando, exortando e consolando” (1Co 14:1, 3).

Fica, portanto, evidente que o dom de profecia seria necessário nos dias do Novo Testamento e em todos os tempos, até mesmo no tempo do fim (Ef 4:11-16).

Conclusão

Os profetas bíblicos foram instrumentos

de Deus ao longo da história. Seu ministério é uma resposta à iniciativa divina e à necessidade humana de instrução e direção de Deus. Foram importantes para Israel nos dias do Antigo Testamento e também para a igreja do Novo Testamento.

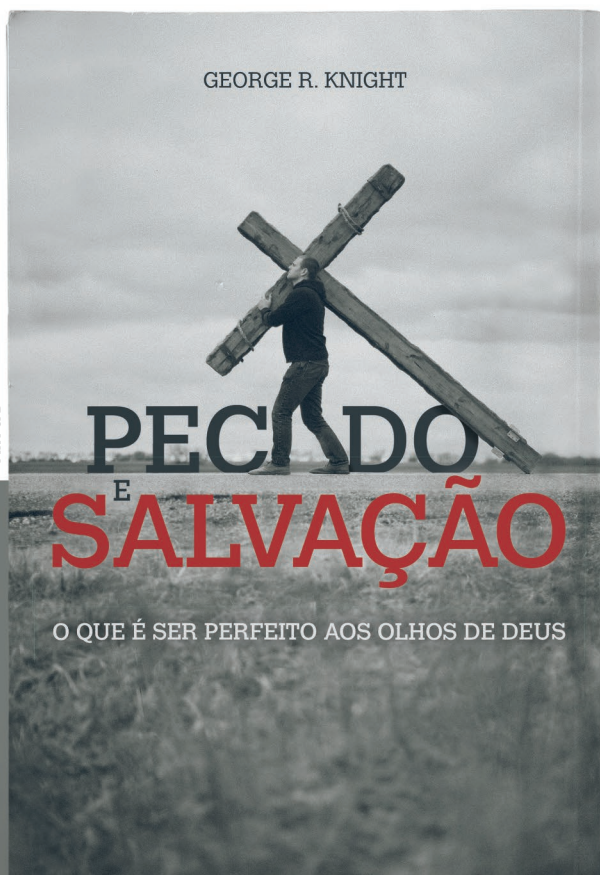
Para cumprir seu propósito, Deus Se valeu dos mais variados agentes. Respeitou sua individualidade e suas características de temperamento. Usou-os na diversidade de suas qualidades pessoais e não Se limitou em Sua escolha por questões como idade, cultura, gênero ou posição social.

Os profetas foram os elos humanos da grande cadeia da graça que se estende do Céu para a salvação dos habitantes da Terra. **M**

Referência

1 Herbert E. Douglass. *Mensageira do Senhor: O ministério profético de Ellen G. White* (Tatuí, SP: CPB, 2001), p. 19.

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio



Como o plano da salvação se relaciona com a perfeição cristã?

Pecado e Salvação examina o próprio coração da mensagem evangélica: a obra de Deus por nós, sobretudo na cruz. Depois, passa a tratar de forma mais ampla de sua obra em nós. Este livro vai ajudar você a entender a relação entre justificação, santificação e perfeição.



William de Moraes

Afinal, o que é perfeccionismo?

Conceitos claros e pertinentes para entender um assunto polêmico



Décadas se passaram desde o lançamento de *O Ritual do Santuário*, por M. L. Andreasen.¹ Mesmo assim, a discussão sobre perfeição cristã não deixa de gerar debates e atrair a atenção dos membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Enquanto muitos consideram as declarações de Andreasen sobre a perfeição da última geração como perfeccionistas, outros o aclamam como o destemido teólogo da verdade.

Embora o tema da perfeição cristã tenha sido tratado em uma quantidade significativa de publicações, proporcionado amadurecimento teológico sobre o assunto, sua contrapartida – o perfeccionismo – é geralmente tratado de maneira supérflua e passageira. Fato é que, para muitos, perfeccionismo é um assunto ainda confuso. Percebe-se isso quando, em certos casos, alguém na igreja é rotulado de perfeccionista porque se tornou vegetariano, evita alimentos contendo açúcar, deixa de assistir à televisão, ou prefere um estilo de adoração ou educação domiciliar

mais ortodoxo. Aparentemente, muitas congregações não têm uma definição clara sobre o assunto, levando certos membros a tratar como algo estranho aquilo que é promovido e ensinado pela igreja.

Sendo assim, o intuito deste artigo é discutir o tema de maneira a apresentar uma definição objetiva de perfeccionismo, fundamentando-se na compreensão da teologia cristã e dos escritos de Ellen White.

Definição

Embora no sentido popular perfeccionismo seja interpretado como a atitude irritante daqueles que se esforçam ao extremo para deixar tudo perfeito (limpeza, notas na escola, apresentação musical, entre outras questões), no sentido religioso, o termo denota a tentativa de viver sem pecado: a perfeição moral.

Entre teólogos e estudiosos do assunto, há um consenso de que perfeccionismo é a crença na “perfeição absoluta” – a impecabilidade, ou a possibilidade de se alcançar a condição de Adão antes da queda.² Conforme Millard Erickson, perfeccionismo é “a crença de que é possível alcançar um patamar no qual o fiel não peque mais”,³ seja hoje ou em algum momento no futuro.

George Knight, ao discutir sobre o assunto em sua obra *Pecado e Salvação*⁴, aponta para certas distorções do conceito de perfeição cristã tidas como perfeccionistas. Uma delas é a que ocorre na forma pela qual o cristão se relaciona com a lei de Deus. Conforme o autor, se o pecado for atomizado⁵, isto é, definido unicamente como uma ação que transgride a Lei de Deus, o cristão passará a preocupar-se unicamente com sua conformidade externa. Mediante suficiente esforço, todos os pecados poderão ser eliminados. Como consequência, cada ação humana passará a ser regulada a partir de regras cada vez mais estritas e ramificadas, envolvendo cada aspecto da existência. Isso pode levar a casos extremos de restrição alimentar, celibato, flagelo ou até mesmo castração. No entanto, uma vez que esse patamar de impecabilidade

é alcançado, todos os seus atos passam a ser considerados puros, santificados e justos.⁶ Essa justiça, entretanto, não é aquela imputada por Cristo, mas uma que é praticada pela própria pessoa⁷, mesmo que nem sempre esteja em conformidade com a Palavra de Deus.

Um exemplo dessa situação ocorreu logo no início do movimento adventista, sendo um dos primeiros casos em que Ellen White se deparou com o perfeccionismo. Logo após o grande desapontamento, uma das quatro ramificações que emergiram do movimento milerita – os “espiritualistas” – começaram a proclamar que Cristo havia, de fato, voltado, mas no coração de cada crente. Para eles, tudo não passava de uma alegoria, e Jesus havia voltado de forma espiritual. Desse modo, achavam que tinham ultrapassado o estágio de pecar e tudo o que faziam era puro e santo. Conforme Arthur White descreve, eles acreditavam que “eram santificados, que não podiam pecar, que haviam sido selados e que todos os seus pensamentos e conceitos eram da mente de Deus”.⁸ Suas ideias levaram a comportamentos bizarros, como ter “esposas espirituais”, manter reuniões nas quais os participantes ficavam completamente nus e compartilhar suas esposas entre o grupo.⁹

Outra distorção perfeccionista destacada por Knight é a possibilidade de obter perfeição física. Nesse caso, adeptos dessa vertente acreditam que seus cabelos não envelhecerão ou que nunca mais ficarão doentes. Tal crença surgiu também entre os “espiritualistas”, após o grande desapontamento. Pregadores como J. D. Pickands proclamavam que haviam se tornado incorruptíveis e não morreriam.¹⁰ Essas ideias foram posteriormente adotadas por E. J. Waggoner, que chegou a declarar que nunca mais ficaria enfermo.¹¹ Para adeptos desses ensinamentos, existe uma relação forte entre a perfeição e a incapacidade de contrair mais doenças. Enquanto a alma é expurgada do pecado, o corpo é libertado do efeito das doenças.¹²

Perfeccionismo adventista

Na Igreja Adventista, o perfeccionismo reapareceu por meio da teologia de Andreasen. Em sua obra *O Ritual do Santuário*, ele defende que a última geração de adventistas poderá viver uma vida sem pecado. Progredindo em santidade, o cristão que viver nos últimos dias alcançará um patamar em que não encontrará mais tentação para vencer: “Assim como se tornou vitorioso sobre uma tentação, pode chegar a sê-lo sobre todo pecado. Terminada a obra e alcançado o triunfo sobre [...] todo o mal, estará pronto para a transladação.” Nessa condição de impecabilidade, Andreasen conclui: “nada os pode fazer pecar”.¹³

Andreasen não foi o único a defender essa posição. Para autores como Herbert Douglass, “a última geração de adventistas demonstrará toda a suficiência da graça e do poder de Deus, assim como fez Jesus em Seus dias. Irão confirmar o triunfo de Jesus – que homens, participantes da natureza divina mediante o Espírito Santo, podem vencer todo o pecado durante essa vida”.¹⁴ Em sua obra *Por que Jesus Ainda não Voltou?*, ele afirma categoricamente: “Jesus conseguiu – eu também posso conseguir. Posso viver uma vida sem pecado como Ele viveu, pela fé em meu Pai celestial.”¹⁵ Para ele, Jesus é um modelo a ser igualado.

Outros, como Dennis Priebe e Larry Kirkpatrick se unem a Andreasen e Douglass ao equiparar a última geração com a condição de impecabilidade. Para eles, a Bíblia descreve um povo vivendo nessa condição.¹⁶ “Perfeição é viver uma vida madura no Espírito, plena de Seus frutos e, como resultado, sem pecado.”¹⁷ “Deus, de fato, é capaz de manter-nos isentos de pecar.”¹⁸

Durante seus dias, Ellen White precisou lidar em diferentes circunstâncias com alegações perfeccionistas. Para ela, viver sem pecado nesta vida é um ensino estranho à Bíblia. Conforme a autora destacou, “nenhum dos apóstolos e profetas jamais pretendeu estar isento de pecado. Homens

que viveram mais achegados a Deus, homens que sacrificariam antes a vida a cometer conscientemente uma ação injusta, homens que Deus honrou com luz e poder divinos, confessaram a pecaminosidade de sua natureza. Jamais confiaram na carne, nunca pretenderam ser justos em si mesmos, mas confiaram inteiramente na justiça de Cristo”.¹⁹

É verdade que Ellen White sempre incentivou seus leitores a prosseguir para a perfeição de caráter, buscando alcançar a obediência plena aos reclamos de Deus. Certos textos da escritora chegam a sugerir que ela mesma era adepta do perfeccionismo: “Todo aquele que, pela fé, obedece aos mandamentos, alcançará o estado de impecaminosidade no qual Adão viveu antes de sua transgressão.”²⁰ No entanto, ela declara que isso ocorreria unicamente no momento da glorificação: “Não podemos dizer ‘estou sem pecado’, antes que este vil corpo seja transformado segundo a semelhança de Seu corpo glorioso.”²¹ Portanto, devemos entender que Ellen White e a Bíblia ensinam “tanto a impecabilidade quanto a perfeição, mas nunca as equipara.”²²

Efeitos do perfeccionismo

O perfeccionismo, assim como qualquer distorção teológica, afeta a igreja e seus adeptos em todas as áreas. Conforme observou Valdeci Santos, o amor de Deus passa a ser visto como algo a ser conquistado e merecido, gerando um sentimento de insegurança no cristão. Porque o crente assume uma posição extremamente rígida quanto ao pecado, Deus é tido como igualmente rígido. A graça divina também passa a ser interpretada de forma distorcida. “Na perspectiva perfeccionista, a graça apenas fortalece o cristão para fazer aquilo de que ele mesmo é capaz, em vez de transformá-lo e restaurá-lo à comunhão com aquele por meio do qual tudo é

possível.” O perfeccionismo rouba temporariamente do cristão a alegria que Deus lhe promete em Cristo. Nos momentos em que poderia se regozijar, ele só consegue pensar no próximo desafio e no próximo alvo. Por fim, cria-se um ambiente farisaico na igreja, pois o perfeccionista “geralmente se inclinará a cobrar dos outros aquilo que ele mesmo estabeleceu como alvo”. Por seu alto comprometimento com a santidade, o perfeccionista é vítima da “sensação de se achar possuidor de uma visão superior”, autopromovendo-se como padrão para os demais.²³

Considerações finais

Perfeccionismo, portanto, deve ser entendido unicamente como a posição teológica que defende a possibilidade de viver sem pecado antes da glorificação. Na Igreja Adventista, esse conceito se infiltrou por meio da teologia da última geração, crença promovida por M. L. Andreasen e simpatizantes, que acreditam que a última geração de fiéis alcançará o estágio de impecabilidade antes da vinda de Jesus. Minimizando, de certa forma, a obediência demonstrada por Cristo, essa teologia lança sobre a última geração a responsabilidade de vindicar a lei e o caráter de Deus. Embora essa distorção tenha sido discutida no passado, ela continua a agregar simpatizantes e a prejudicar o relacionamento de seus adeptos com a igreja e com Deus.

Devemos ressaltar, contudo, que, ao defendermos a impossibilidade de viver sem pecar, não estamos negando que, pelo poder de Cristo, o cristão possa vencer suas tentações. Embora não alcance a impecabilidade nessa vida, é responsabilidade de todo cristão se afastar do mal, desenvolver um caráter semelhante ao de Jesus e crescer na perfeição cristã. **M**

Referências

¹ M. L. Andreasen, *O Ritual do Santuário* (Santo André, SP: CPB, 1983).

² A. Cairns, “Perfectionism”, *Dictionary of Theological Terms* (Greenville, SC: Ambassador Emerald International, 2002), p. 327; R. Rice, *Reign of God: An Introduction to Christian Theology from a Seventh-Day Adventist Perspective* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1997), p. 281; David A. Stoop, *Living with a Perfectionist* (Nashville, TN: Oliver-Nelson, 1987), p. 16-17; J. Hunt, *Biblical Counseling Keys on Perfectionism: The Push to Perform* (Dallas, TX: Hope For The Heart, 2008), p. 1.

³ M. J. Erickson, *The Concise Dictionary of Christian Theology* (Wheaton, IL: Crossway Books, 2001), p. 152.

⁴ George R. Knight, *Pecado e Salvação* (Tatuí, SP: CPB, 2016), p. 139-140.

⁵ *Ibid.*, p. 15.

⁶ *Ibid.*, p. 156.

⁷ H. K. LaRondelle, *Perfection and Perfectionism: A Dogmatic-Ethical Study of Biblical Perfection and Phenomenal Perfectionism* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1971), p. 326.

⁸ Arthur L. White, *Ellen G. White* (Hagerstown, MD: Review & Herald, 1985), v. 1, p. 71.

⁹ Glauber S. Araujo, *O Caminho da Perfeição: Um Estudo da Teologia da Santificação em João Wesley e Ellen G. White* (dissertação de mestrado, Universidade Metodista de São Paulo, 2011), p. 48; cf. George R. Knight, *Millennial Fever and the End of the World* (Boise, ID: Pacific Press, 1993), p. 251-254.

¹⁰ George R. Knight, *Millennial Fever and the End of the World* (Boise, ID: Pacific Press, 1993), p. 250.

¹¹ Ellet J. Waggoner, *General Conference Bulletin*, 1899, p. 53.

¹² B. B. Warfield, *Counterfeit Miracles* (Nova York, NY: Charles Scribner's Sons, 1918), p. 175, n. 34.

¹³ Andreasen, p. 243.

¹⁴ Herbert Douglass, “Concepts of Jesus Affect Personality”, *Review and Herald*, 31/8/1972, p. 12.

¹⁵ Herbert Douglass, *Por que Jesus ainda não voltou?* (Luz do Mundo, 2011), p. 72.

¹⁶ Dennis Priebe, Larry Kirkpatrick, eds., *The Mind of Christ: How to Have It* (Ukiah, CA: Philippians Two Five Publishing, 2012), p. 30, 31-32.

¹⁷ Dennis E. Priebe, *Face a Face com o Verdadeiro Evangelho* (Duque de Caxias, RJ: IEST, s.d.), p. 108-109.

¹⁸ *Ibid.*, p. 110.

¹⁹ Ellen G. White, *Parábolas de Jesus* (Tatuí, SP: CPB, 2015), p. 160.

²⁰ Ellen G. White, *Nos Lugares Celestiais* (Santo André, SP: CPB, 1968), p. 148.

²¹ Ellen G. White, *Para Conhecê-Lo* (Santo André, SP: CPB, 1965), p. 359.

²² *Pecado e Salvação*, p. 158. (grifo do autor)

²³ Valdeci da Silva Santos, “O perfeccionismo como um obstáculo à santidade cristã”, *Fides Reformata*, v. XIII, nº 1 (2008), p. 122-123.



Cortesia do autor

Os cristãos e a homossexualidade

Princípios do Antigo Testamento para orientar a conduta da igreja quanto aos homossexuais (final)

Esta parte final do nosso estudo procura apresentar, a partir do Antigo Testamento, princípios relevantes para orientar o relacionamento entre a comunidade cristã e as pessoas engajadas em atividade homoerótica consensual, conforme praticada no círculo dos chamados movimentos LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros).

O que o Antigo Testamento não diz

Existem alguns temas relacionados à atividade homoerótica que não são abordados no Antigo Testamento. Primeiro, o Antigo Testamento não faz referência, mesmo em uma narrativa descritiva, ao casamento entre pessoas do mesmo sexo ou algo equivalente a isso, tal como: relacionamento exclusivo, coabitação com o mesmo sexo, etc. Isso significaria então que tal arranjo, fora do âmbito das possibilidades

apresentadas pelo Antigo Testamento, seja admissível para cristãos? Semelhante conclusão ignoraria a natureza abrangente de Levítico 18:22 e 20:13, que proíbe categoricamente a prática homossexual sem quaisquer exceções. Se o casamento é um relacionamento que inclui atividade sexual, e se Deus proíbe as relações sexuais entre pessoas do mesmo gênero, então não existe espaço para discussão da possibilidade de legitimidade do casamento entre pessoas do mesmo sexo, pelo menos no conceito divino.

Em segundo lugar, o Antigo Testamento não se refere explicitamente à atividade sexual entre mulheres (lesbianismo).¹ No entanto, posteriormente, no mundo greco-romano do Novo Testamento, Paulo fez referência a tal prática (Rm 1:26, 27).

Em terceiro lugar, o Antigo Testamento não exige que todos se casem. Na lei divina para os israelitas, permanecer solteiro não

era defeito moral nem impedimento para ocupar uma posição de liderança.

Em quarto lugar, o Antigo Testamento não faz distinção entre *orientação sexual e comportamento*, no sentido de “identificar categorias” de atração sexual de uma pessoa por outros indivíduos do mesmo gênero, quer ou não ele ou ela aja sobre essa tendência. A única preocupação é com a atividade homossexual em si, independentemente da sua *orientação sexual*, com a suposição de que as ações voluntárias refletem desejos. No entanto, isso não significa que o Antigo Testamento ignore a distinção entre o desejo sexual e a ação correspondente. Algumas passagens descrevem os passos em um processo que se inicia com desejo sexual e culmina com a ação (por exemplo, 2Sm 11, 13; cf. Cantares de Salomão). O movimento do desejo à ação não é inevitável e pode ser interrompido por meio de uma firme determinação

moral (Jó 31:1: “Fiz aliança [pacto] com meus olhos”, grifo acrescentado).

Embora algumas leis do Antigo Testamento regulamentem atitudes (Êx 20:17; Lv 19:17, 18), para que cada pessoa seja responsável diante de Deus, não encontramos nenhum texto contra uma pessoa com tendências homossexuais mas que não as pratique. Em si mesma, a tentação não é pecado.² Uma pessoa atraída por alguém do mesmo gênero, que não cedeu à atração, teria direito à proteção integral sob a lei israelita, incluindo leis contra assassinato e assalto (Lv 24:17, 19, 20), e não há razão legal para que ele ou ela sejam discriminados ou impedidos de exercer cargo de liderança.

O fato de o Antigo Testamento não fazer distinção entre *orientação sexual* e *romântica* e *comportamento*, como faz a ciência moderna, não deve ser um indicativo de que os princípios bíblicos sejam obsoletos. O Criador conhece muito mais a respeito do ser humano do que a ciência, não importa quão moderna ou sofisticada ela possa ser (cf. Sl 139). Foi Deus quem estabeleceu as leis bíblicas, e Ele não considerou importante delinear as distinções específicas da chamada *orientação sexual*. Em vez disso, Ele claramente proibiu relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Dessa forma, Ele evitou que uma culpa ainda maior fosse colocada sobre uma pessoa fiel que luta contra sua orientação por pessoas do mesmo sexo, mas não pratica tal ato.

Em quinto lugar, o Antigo Testamento nunca se refere a gêneros separados dos órgãos de reprodução, incluindo a genitália externa e os órgãos internos.³ Há somente macho e fêmea, sem nenhuma referência às variedades excepcionais entre categorias. Na Bíblia, apenas os órgãos reprodutores determinam se a pessoa é macho ou fêmea, e só é permitido ter relações com o sexo oposto dentro do casamento. Isso está de acordo com a complementaridade natural entre a forma e a função dos órgãos reprodutivos masculino e feminino,

os quais claramente foram feitos um para o outro. Essa complementaridade é um fato fisiológico.

A cultura contemporânea desafia a definição de gêneros fundamentada exclusivamente na forma física, insistindo que outros fatores também contam. Defende a realização emocional de acordo com a *orientação sexual* e *romântica*, mesmo que ela esteja em desarmonia com os órgãos reprodutivos. Ou seja, a *orientação sexual* que a ciência mostra ser “inerente” é vista como natural, e, portanto, praticá-la é aceito como moralmente correto.

Finalmente, em sexto lugar, e novamente em desarmonia com a cultura moderna, a Bíblia não afirma em lugar algum que a realização emocional e/ou sexual seja um direito inalienável. O fato de que Deus providenciou Eva como um arquétipo “auxiliar semelhante a” Adão (Gn 2:18) não significa que cada pessoa tenha direito a um “auxiliar semelhante a” ela, no sentido de adequar sua *orientação sexual*, ainda que seja uma orientação para o mesmo sexo. Embora, às vezes, as lutas e os desafios possam parecer insuperáveis, o que realmente importa nesta vida não é a realização emocional ou sexual, mas a fidelidade a Deus. Alguns personagens bíblicos, que foram mais próximos ao Senhor e fiéis a Ele, desfrutaram de pouca satisfação emocional e, em alguns casos, nenhuma realização sexual.⁴ O povo de Deus pode viver solitário e não estar realizado em algumas áreas nesta vida, mas ele vive pela fé, crença que o melhor está na eternidade (Hb 11).

Aplicação à comunidade de fé

O Antigo Testamento é consistente em relação à atividade homoerótica: Deus não permite tal ato, mesmo que seja mutuamente consensual, porque está fora do limite do casamento bíblico, que é definido como o relacionamento entre um homem e uma mulher, de acordo com a natureza física de seus órgãos sexuais. Obviamente, as definições são cruciais aqui, por isso não é de estranhar que grande parte

dos debates atuais gire em torno dessas definições.

Muitas pessoas hoje, especialmente os jovens, estão observando a igreja para ver se ela demonstrará sensibilidade, compaixão e a coerência de Cristo, ao lidar com essa questão. Muitos têm dificuldade em aceitar que um Criador justo e bom condenaria pessoas que estão apenas “expressando” a sexualidade delas em harmonia com a maneira pela qual Ele as criou. Valendo-se da cultura contemporânea, incluindo o que tem sido chamado de “politicamente correto”, eles argumentam que o casamento deve ser uma instituição de oportunidades iguais para todos, aberto inclusive para aqueles que têm uma atração sexual pelo mesmo gênero. Esse tipo de argumento falha quanto ao fato de que nossos problemas não são causados por Deus, mas pela consequência corporativa da rebelião humana contra Ele, a qual não afeta a todos igualmente. Deus é justo, mas a vida não é, porque está sob a sombra do grande conflito entre o bem e o mal.

Como o antigo Israel, a igreja é responsável em cooperar com Deus na obra da salvação por meio da fidelidade a Seus princípios, que estão em harmonia com Seu justo e misericordioso caráter (Êx 34:6, 7), e pela influência positiva sobre outros, especialmente, pelo exemplo. Todavia, enquanto a comunidade de fé procura influenciar a sociedade através dos canais adequados, ela não é responsável pelo policiamento da moralidade das pessoas que ainda não pertencem a ela, forçando-as a obedecer suas normas.⁵

No estado de direito civil e secular, aquilo que é “legal” e o que é “correto aos olhos de Deus” são duas coisas diferentes, e se fundamentam em diferentes autoridades.

O “legal” tem por base o raciocínio humano, e pode envolver o aspecto social do “politicamente correto”. Por outro lado, o “correto aos olhos de Deus” é fundamentado nas Escrituras, adequadamente entendidas pelas suas próprias regras de interpretação. Como cristãos, devemos

nos cuidar para não absorver a cosmovisão secular, fazendo daquilo que é aceito como “politicamente correto” nossa autoridade moral em lugar da Bíblia. Devemos tratar todas as pessoas com respeito e cumprir as leis civis na medida em que elas não entrem em conflito com os princípios divinos (At 5:27-29; Rm 13:1-7).

Embora a realização emocional não seja garantida aos seguidores de Deus nesta vida, Isaías transmitiu encorajamento especial aos membros leais da família de Deus que não puderam desfrutar a vida de casados: “Pois assim diz o Senhor: ‘Aos eunucos que guardarem os meus sábados, que escolherem o que me agrada e se apearem à minha aliança, a eles darei, dentro de meu templo e dos seus muros, um memorial e um nome melhor do que filhos e filhas, um nome eterno, que não será eliminado’” (Is 56:4, 5, NIV).

Em harmonia com Seu caráter e tratamento aos seres humanos (Dt 10:17-19), Deus ordenou a Seu povo no Antigo Testamento que amasse a seus vizinhos e estrangeiros como a ele mesmo (Lv 19:18, 34), e também protegesse, cuidasse e incluísse os que eram socialmente desfavorecidos (Êx 22:21-24; Lv 19:9, 10; Dt 10:18, 19; 16:11, 14; 24:19-21, etc.). Da mesma forma, a comunidade cristã é responsável por aliviar os fardos daqueles que se encontram dentro ou ao redor dela. “Levai as cargas uns dos outros, e, assim, cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6:2).

Para uma pessoa que deseja seguir o Senhor, poucos fardos são tão pesados quanto o da *orientação sexual* inerente pelo mesmo

sexo reconhecida em um ambiente cultural e emocional.⁶ O desejo que cada um de nós tem por alguém que esteja ao nosso lado é vigoroso, porque isso é de origem divina e foi colocado em nós por Deus desde o princípio (Gn 2:18-20). A queda não removeu esse desejo, no entanto, ela o corrompeu, levando alguns a terem inclinação pelo mesmo sexo, o que nunca foi a intenção do Criador.⁷ Se as pessoas do grupo LGBT não sentissem a necessidade de companhia, o celibato seria relativamente fácil. Mas elas também sentem, por isso o celibato é um luta. Completando a dificuldade, a sociedade passou a aceitar algumas parcerias alternativas como naturais, e, portanto, “legítimas”, o que coloca ainda mais pressão sobre uma pessoa homossexual para ignorar a desaprovação divina na busca da realização decaída.

Comprometimento total com Deus é especialmente difícil para os que experimentaram atividades homossexuais. No entanto, o Senhor os convida a abandonar esse caminho e desfrutar de Sua compaixão e de Seu perdão que transforma (Is 55:7; cf. Sl 51; 1Co 6:9-11). Ele diz que Seus mandamentos não são impossíveis de obedecer (Dt 30:11-14) porque Ele irá prover a maneira para escapar da tentação (1Co 10:13).

Os cristãos também podem ajudar nesse processo de restauração, desenvolvendo laços fraternais e criando alternativas sociais mais efetivas do que simplesmente as reuniões da igreja. Dessa maneira, estarão cumprindo a lei de Cristo, com sensibilidade e respeito, auxiliando na jornada dessas pessoas em sua caminhada com o

Salvador. Ao acolher e interagir com eles, ouvir suas histórias, e ser beneficiada com seus talentos, a igreja será enriquecida, fortalecida e abençoada (cf. Is 58: 6-12).

Para ajudar membros do grupo LGBT, os cristãos precisam superar algumas barreiras: (1) A suposição de que eles sejam LGBT simplesmente por escolha, (2) de que qualquer pessoa LGBT pode se tornar heterossexual, (3) de que todos os indivíduos LGBT sejam sexualmente ativos ou mesmo promíscuos, e (4) o nojo e o medo de contrair algum tipo de “contaminação” por parte dessas pessoas.

Talvez, parte da razão por que algumas pessoas LGBT relatam falha para superar suas práticas, apesar de repetidas tentativas de vitória por meio de orações sinceras e agonizantes, seja em razão da falta de apoio dos membros da comunidade de fé, que muitas vezes preferem manter distância, mesmo que não os rejeitem nem ignorem. Essa distância pode refletir falta de confiança na capacidade de Cristo em preservar a pureza e santidade de Seus seguidores, enquanto eles servem como Seus representantes neste mundo em pedaços (Mt 28:19, 20; Jo 17:15-19).

Jesus nos mostrou o caminho. Maria Madalena não estava imune ao perigo de recair depois que Ele a livrou da possessão demoníaca (cf. Mt 12:43-45). No entanto, Cristo a adotou em Seu círculo de amigos (Lc 8:2) e foi reverenciado quando ela O ungiu (Jo 12:3-8; cf. Mt 26:6-13; Lc 7:37-50). Semelhantemente, os israelitas adotaram Raabe, uma ex-prostituta convertida ao verdadeiro Deus (Js 6:25; Cf. cap. 2), que teve o



<http://pastor.adventistas.org>

privilégio de se tornar um dos antepassados de Cristo (Mt 1:5). Se Jesus, e a exigente sociedade israelita, que se encontrava sob um regime estritamente teocrático, demonstraram aceitação para com essas pessoas que tinham um passado tão problemático mas que desejavam seguir o Senhor, então não há razão para que não façamos o mesmo.

Conclusão

Este estudo considerou o princípio bíblico do Antigo Testamento concernente à sexualidade, o qual é inegociável na igreja cristã e se firma na decisão de seguir toda a Escritura (cf. 2Tm 3:16, 17). Deus sanciona a atividade sexual somente quando ela ocorre dentro matrimônio, entre um homem e uma mulher. No entanto, existe outro princípio inegociável no Antigo Testamento que é tão relevante quanto para nosso tratamento com pessoas

do grupo LGBT: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lv 19:18;. Cf. v. 34).⁸ O tema dessa discussão não é somente assunto delas, mas nosso também. Se elas estão sendo testadas, nós também estamos, e parece que temos espaço para melhorar. Que o Senhor nos ajude a equilibrar a aplicação de Seus princípios em conformidade com Seu amor, que inclui tanto justiça quanto misericórdia!⁹ **TM**

Referências

¹ Contraste a proibição da atividade homossexual masculina em Levítico 18:22 e 20:13 com 18:23 e 20:15, 16, que proíbe pessoas do sexo feminino bem como do sexo masculino de se envolverem em bestialidade. Richard M. Davidson, no entanto, argumenta que “a proibição de relacionamentos lésbicos provavelmente esteja implícita na injunção geral de Levítico contra as práticas abomináveis dos egípcios ou cananeus, como reconhecido na interpretação rabinica (*Flame of Yahweh: Sexuality in the Old Testament* [Peabody, MA: Hendrickson, 2007], p. 150).

² Mas a intenção lasciva é pecado (Rm 1:27;. Cf. Mt 5:28).

³ Por exemplo, Deuteronômio 23:1 (no original, v. 2) “testículos e pênis”; Gênesis 20:18 “ventre/útero”. O termo para fêmea *naqibah* refere-se à vagina.

⁴ Por exemplo, Jeremias e Jesus nunca se casaram, e sofreram rejeição e profunda tristeza.

⁵ Em certas ocasiões, Deus encarregou o próprio povo de Israel de ser Seu agente para executar a pena capital a grupos que eram violadores crônicos da moralidade (Dt 7:1-5, 16, 24-26; 20:16-18; Js 7; cf. Roy Gane, *Leviticus, Numbers, NIV Application Commentary* [Grand Rapids, MI: Zondervan, 2004], p. 771-773). No entanto, era uma concepção divina sob um regime teocrático. A presente comunidade de fé é composta por uma igreja cristã em vez de um Estado teocrático. Então a manutenção de nossos limites se restringe a medidas não corporais, das quais a remoção da comunhão vem como ação mais extrema (cf. 1Co 5).

⁶ A vida de solteiro de qualquer um, mesmo se “correta” ou LGBT, não é apenas abstinência de sexo. Envolve questões de companhia, amor e lealdade.

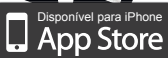
⁷ Evelyn Tollerton, comunicação pessoal.

⁸ Esse princípio é reiterado várias vezes no Novo Testamento (Mt 22:39; Jo 13:34; 15:12; Rm 13:8-10; Gl 5:14; 1Jo 4:20).

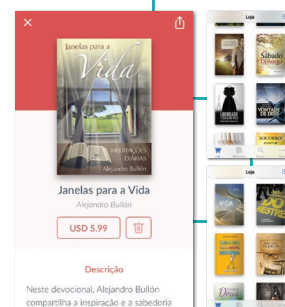
⁹ Cf. Salmo 85:10 (no original, v. 11).

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio

CPB Books
sua biblioteca de livros digitais



TENHA ACESSO A MAIS DE 70 E-BOOKS



Leia, marque e compatilhe os trechos favoritos nas redes sociais e via SMS. Tudo em um ambiente de leitura agradável com controle total sobre as fontes e o brilho, entre outros recursos.

**Um produto com a qualidade CPB Digital.
Divulgue para seus amigos!**

A relatividade do tempo

É preciso deixar o Senhor dos dias governar todos os aspectos da vida

Em 1905, Albert Einstein abalou os conceitos da física ao publicar a Teoria da Relatividade. Em seus estudos, ele mostrou que o elemento que se julgava igual para todos, o tempo, era relativo. Isto é, dependendo do ponto de vista ou, no caso, do ponto de referência, o tempo poderia ser percebido de forma diferente.

Não sendo literal, mas relativo, o Egito parece comprovar essa teoria. Aqui, o tempo parece não ter o mesmo sentido percebido pela mente ocidental, talvez pelas próprias peculiaridades geográficas existentes no país. O Egito está situado em dois continentes, parte na África e parte na Ásia. Entretanto, desde que os árabes ocuparam essa região, em 639 d.C, ela se tornou uma nação árabe em território africano. Assim, o Egito é atualmente uma mistura de culturas que se evidencia em hábitos e costumes praticados por todos.

Um dos aspectos afetados por essa “salada cultural” foi o tempo. Há um ditado africano que diz: “Vocês tem as horas, nós temos o tempo.” É justamente essa maneira única de perceber o tempo que muitas vezes choca aqueles que aqui chegam para se estabelecer. Além disso, tal percepção pode provocar até conflitos!

Em minha primeira reunião com o então presidente do Campo, foi-me dito: “Para se viver bem no Egito, você precisa saber lidar com uma sigla: IBM.” Antes que eu perguntasse de que maneira a famosa marca de computadores estava relacionada com a realidade egípcia, ele tratou de me explicar.

A sigla, na verdade, é formada por três palavras árabes:

Inshalá – Em uma tradução literal, significa “se Deus quiser”. Para eles, *inshalá* demonstra o fato de que tudo está sob o controle de Deus, de que nada ocorrerá sem que Ele queira ou permita. Nós também temos essa expressão em nossa cultura; contudo, seu significado, na prática, não é o mesmo. Sob nosso ponto de vista, mesmo sabendo que tudo pertence a Deus ou é permitido por Ele, não deixamos de fazer nossa parte. Por exemplo, se um estudante vai prestar o ENEM, ele sabe que sua parte é estudar e se preparar. Aqui, na maioria dos casos, as pessoas simplesmente não fazem a parte delas, deixando tudo nas mãos de Deus. Se acontecer, será vontade Dele, se não, também será da vontade Dele; ou seja, o tempo pertence a Deus.

Bokram – Significa “amanhã”. Dificilmente a promessa será cumprida no tempo combinado. Se depender dos órgãos governamentais então, sempre haverá um amanhã para cumprir o combinado. Muitas vezes, tarefas simples são literalmente deixadas para depois. Não há pressa nem urgência que mude isso. Em outras palavras, não apresse o tempo; pois, no tempo certo, as coisas acontecerão.

Malesh – Em uma tradução adaptada, seria o mesmo que “deixe pra lá”. Ainda que muitos digam que o sentido dessa palavra é o mesmo que “desculpe-me”, a aplicação clássica da expressão nem sempre significa que a pessoa esteja reconhecendo sua culpa. *Malesh* é usada em diferentes situações, desde um arranhão no carro de



Cortesia do autor

outra pessoa a faltas cometidas no trabalho. Sua implicação prática é “o tempo se encarrega de resolver, não se estresse”.

Uma vez compreendida esta sigla, IBM, a vida no Egito pode ser facilitada. Caso contrário, o choque cultural será muito doloroso. Especialmente para quem sai do Brasil, acostumado com uma intensa rotina de trabalho, pisar no freio não é fácil e, muitas vezes, pode ser frustrante. É preciso entender que, em outra cultura, as percepções são diferentes. Não basta saber que os métodos e as práticas precisam se adequar à realidade, mas, é preciso compreender que cada pessoa tem seu tempo, e ele é relativo.

No Salmo 90:12, Moisés orou a Deus: “*Sendo assim, ensina-nos, pois, a contar nossos dias, a fim de que possamos alcançar um coração verdadeiramente sábio!*” Como realmente devemos contar nossos dias? Como entender que Deus é o Senhor do tempo, sem querer impor nossa agenda a Ele? Somente sendo sábios e deixando que Ele governe nossa vida em todos os aspectos. E nisso não há relatividade. **■**

Giovan Monteiro
Missionário no Egito

Herbert Boger Jr.
Líder de Mordomia Cristã
para a Igreja Adventista na
América do Sul



Divulgação DSA

O pastor e as **finanças** pessoais

**Não deixe que sobre mês
no fim de seu salário.**

“O Senhor é meu pastor; nada me faltará” (Sl 23:1). No entanto, não basta apenas crer nessa verdade. É preciso vivê-la, sendo fiel às orientações divinas e aplicando seus princípios na administração financeira do lar.

Planeje as despesas: Em cada família deve haver uma lista das necessidades e prioridades. Isso evitará compras por impulso ou desnecessárias.

Anote todos os gastos: Anote e analise constantemente seus gastos. Um dos cônjuges, o que é mais criterioso com as finanças, deve administrar o dinheiro da família. “Você deve anotar o que é usado simplesmente para satisfazer o gosto e cultivar um apetite pervertido, e que só busca o prazer. O dinheiro gasto em guloseimas inúteis pode ser usado para acrescentar confortos e utilidades substanciais a seu lar” (Ellen G. White, *O Lar Adventista*, p. 379). Para facilitar essa tarefa, você pode utilizar uma planilha orçamentária. Sugiro que use esta que está disponível em <http://downloads.adventistas.org/pt/mordomia-crista/manuais-e-guias/orcamento-familiar-primeiro-deus/>.

Poupe: Uma parte dos recursos financeiros deve ser separada e depositada logo no início do mês. Ela poderá ser necessária

em caso de imprevistos ou aquisição de algum item da lista de necessidades. O ideal é ter uma reserva de pelos menos três salários (ou entradas) do casal. Usar o dinheiro de aplicações para cobrir despesas regulares é um erro mortal!

Compre à vista: Financiamentos podem deixá-lo endividado. Os juros são abusivos e aumentam grandemente o valor a ser pago. Antigamente, as pessoas trabalhavam, recebiam, e só então compravam. Hoje, o consumismo nos pressiona a comprar antes de ganhar. As pessoas querem possuir o que não podem adquirir. “Alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé, e a si mesmos se atormentaram com muitas dores” (1Tm 6:10). Daí surge a dívida que, por sua vez, gera a inquietação. Salomão disse: “Melhor é o pouco com o temor do Senhor do que grande tesouro, onde há inquietação” (Pv 15:16).

Saiba usar o cartão de crédito: O cartão pode ser útil em muitas circunstâncias, mas cuidado: jamais parcele o saldo devedor.

Não peça dinheiro emprestado nem adiantamentos: “Grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento [...] Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes” (1Tm 6:6-8).

Seja fiel: Separe primeiro a parte do Senhor, antes de saber se o dinheiro irá

faltar ou não no fim do mês. A viúva de Sarepta e a viúva pobre correram esse risco. Contudo, Jesus diz que, se buscarmos em primeiro lugar o reino de Deus, todas as outras coisas nos serão acrescentadas. Devolva o dízimo, mesmo o de entradas extras que porventura você tenha. Além disso, destine regularmente um percentual de suas entradas para ser dado como oferta, em forma de pacto.

Ensine sua família a ser generosa: Incentive-a a ser benevolente, mostrando os resultados do que Deus tem feito por vocês. Planeje meios para que os filhos também levem ofertas de gratidão.

Procure elevar periodicamente a porcentagem do pacto: Essa é uma forma de também aumentar a dependência de Deus. “Aos que buscam o Senhor bem nenhum lhes faltará” (Sl 34:10).

Dê seu testemunho: Existem muitas maneiras de falar sobre a liberalidade cristã, a principal delas, é dando o exemplo pessoal. Participe da adoração com seus dízimos e ofertas, pois, além de ser um ato de louvor e gratidão a Deus, essa atitude tem valor educativo. Sempre há alguém nos observando. Nessa hora, ore silenciosamente em gratidão ao Senhor pelo sustento recebido.

Confie no Senhor, e não no salário: Se o dinheiro não vier, creia que Deus suprirá suas necessidades. **IM**



Gentileza do autor

Evangelizando a Geração Y

Livro ajuda a compreender o perfil da geração mais engajada no ambiente digital

Indicar um livro sobre novas tecnologias, formatos de comunicação e seu impacto na evangelização é um grande desafio. Primeiramente, porque há algumas dezenas de obras que falam sobre tecnologia que, ainda que não sejam específicas sobre evangelismo digital, podem facilmente ser aplicadas a ele. O outro motivo se deve ao fato de que muitos desses livros, ainda que tecnicamente excelentes, não são apropriadamente práticos. Dessa forma, a indicação a seguir é uma tentativa de sugerir algo que fale sobre comunicação na era digital, que seja de aplicação prática, leitura rápida e acessível, sob diferentes aspectos.

Desde 2003 sou professor titular do curso de Comunicação Social no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). Ao longo desses anos, convivi com mais de mil alunos em sala de aula. Durante esse período, percebi nitidamente a mudança de perfil dos estudantes. Claro, são turmas formadas por alunos diferentes. Contudo, é mais do que isso: tem havido uma transformação no comportamento social desses jovens. Eles reagem de modo diferente, são motivados por coisas distintas, ficam revoltados e se engajam por razões bem diversas das de antes. Sem dúvida, há uma evidente mudança em sua maneira de ser e se comportar.

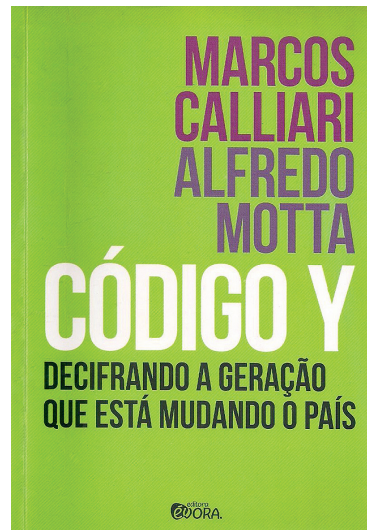
Além de professor, também sou ancião da igreja do Unasp, em Hortolândia, SP. Com a abertura que temos dado aos jovens para assumir posições de liderança congregacional, temos percebido uma multiplicidade de

novos comportamentos, vários deles muito inesperados: forte engajamento em alguns projetos específicos, mas uma clara apatia em outros.

Partindo dessa experiência, quero indicar um livro que trata de maneira prática sobre o comportamento dos jovens da chamada “Geração Y”. A obra não fala de tecnologia nem de evangelismo, mas, se lida com a lente correta, aponta grandes desafios e algumas razões para mudar a maneira de pensar no trabalho para o público jovem usando as novas tecnologias. Conhecer essas razões nos ajuda a compreender as necessidades desse público, bem como a descobrir as oportunidades de contato e aproximação usando a linguagem com a qual eles mais se identificam e na qual têm mais fluência.

Código Y - Decifrando a Geração Que Está Mudando o País, de Alfredo Motta e Marcos Calliari (Évora, 2012, 192 p.), contém uma excelente abordagem que nos supre de informações apropriadas para identificar as origens do comportamento dessa geração, inclusive, mas não somente, no aspecto tecnológico.

A obra destaca comportamentos que muitas vezes nós, de outra geração, confundimos com falta de educação ou vício em tecnologia: o *hiperfoco*, o abandono de tarefas após pouco tempo, a



superficialidade e a falta de cerimônia (ou desvalorização da hierarquia). Entretanto, também salienta outros pontos que não encontramos facilmente em pessoas de outras gerações e que são excelentes: facilidade de engajamento em causas sociais, de assumir diferentes tarefas

ao mesmo tempo, de aceitar novas ideias, de trabalhar em equipe e de participar dos processos de decisão.

Os autores afirmam que essas características não são determinadas, simplesmente, pelo uso das novas tecnologias. Muitas vezes é justamente o contrário: somente as novas tecnologias conseguem atender a essas necessidades comportamentais. Portanto, não são elas, isoladamente, que fazem esses jovens ser como são. Esse seria um pensamento limitado.

Se você convive com jovens assim, certamente já visualizou a importância de conhecê-los bem. De fato, só conseguiremos atingir eficazmente essa parte da população se usarmos os recursos das novas tecnologias alinhados ao uso que a própria Geração Y faz deles. De outra forma, perderemos tempo precioso tentando usar novas ferramentas apenas para parecer desajeitados na visão dos mais jovens. Creio que esse alerta dos autores seja totalmente adequado a nosso desafio de evangelizar as novas gerações. **M**

Tendências e Oportunidades



Divulgação DSA

As novas tecnologias estão em todos os lugares, transformando diretamente nossos paradigmas. Para entender isso, basta observar o comportamento das crianças. Elas são mais facilmente influenciadas pelas várias possibilidades apresentadas pela revolução digital. Sei bem do que estou falando, pois tenho duas garotinhas em casa que acabam me ajudando a estar atualizado acerca dos tempos e das novas tecnologias que surgem. Alguns pais, inclusive, deixam os filhos com um *smartphone* ou *tablet* nas mãos, a fim de entreter-los para conseguir fazer o que precisam.

Diante dessa realidade, por estarem expostas a estímulos diferentes daqueles existentes nas gerações anteriores, as novas gerações desenvolvem aspectos cognitivos e sensoriais distintos. Tal condição torna ainda mais difícil o desafio de pregar o evangelho de modo relevante em nossos dias.

Para cumprir essa missão, é preciso adaptar a mensagem aos tempos e a cultura moderna, usando ferramentas que nos ajudem a potencializar o alcance de nossa pregação.

“Os meios de comunicação se multiplicaram milhares de vezes. Assim como Cristo, os mensageiros do Altíssimo devem hoje assumir seu papel nesses grandes meios de comunicação, onde podem se encontrar com multidões de todas as partes do mundo” (Ellen G. White, *Os Ungidos*, p. 31).

Não podemos ignorar que a revolução digital está nos dando a possibilidade de nos relacionar com mais pessoas em menos tempo. Contudo, para sermos eficazes em nossa tarefa, é preciso identificar os novos traços culturais de nossa sociedade. Alguns deles atingem diretamente o ministério e a pregação. Quando bem entendidos, eles podem nos ajudar a tornar a igreja ainda mais relevante na comunidade em que está inserida. Veja algumas dessas características:

Do analógico para o digital. Certo dia descobri a internet e todas as facilidades que suas ferramentas possibilitavam. Com o passar do tempo, a vida foi migrando para dentro de componentes eletrônicos. Atualmente, meus sermões e palestras estão todos guardados em arquivos dentro de pastas no computador.



Precisamos adaptar a mensagem aos tempos e a cultura moderna, usando ferramentas que nos ajudem a potencializar o alcance de nossa pregação.”

Do organizacional para o pessoal. Com as mídias sociais houve a popularização da informação, ou seja, qualquer pessoa pode gerar informação, não mais apenas as grandes agências de comunicação. Como resultado, o que as pessoas falam de uma instituição se torna tão importante, ou até mais, do que aquilo que a instituição fala de si mesma.

Do escrito para o visual. No ano passado, o *Dicionário Oxford* elegeu o emoji de um rosto com lágrimas de alegria como a palavra do ano. As imagens estão comunicando mais do que as palavras, transformando os modelos de comunicação.

Do cognitivo para o afetivo. Como o conhecimento está disponível na palma da mão com os *smartphones*, as novas gerações não se preocupam tanto em guardar informações na memória, porque o mais importante é saber onde encontrá-las quando necessário.

Do absoluto para o relativo. Cada um faz ou tem sua própria verdade. Desse modo, a Bíblia tem sido amplamente questionada. Suas orientações estão sendo condicionadas apenas ao tempo em que foram escritas. Esse conceito foi impulsionado pelo advento da pluralidade de informações.

Do sacro para o secular. Ao organizar os cultos, algumas igrejas fazem uso da tecnologia dos palcos a fim de produzir espetáculos. Quanto mais produção, maior a audiência.

Do biblicamente moral para o socialmente aceitável. Nesse ponto existem temas complexos. Por exemplo, a Bíblia tem diretrizes claras quanto à sexualidade. Contudo, isso tem sido combatido e até mesmo ameaçado juridicamente em alguns contextos.

O uso sábio e planejado das mídias sociais e o conhecimento de sua influência é um ponto essencial para uma igreja que quer fazer a diferença na sociedade em que está inserida. Não há como lutar contra a revolução digital. Não há como congelar o estilo de vida do começo do século 20 e anunciá-lo como o melhor ou o ideal. Em vez disso, precisamos aproveitar as circunstâncias e as possibilidades para conectar as pessoas a Jesus. **TM**

Rafael Rossi
Líder de Comunicação para a Igreja Adventista na América do Sul



online

→ • DE INVERNO • ←

de
26 de junho
a
3 de julho

2016

A ONLINE ESTÁ CHEGANDO PARA MAIS UMA SEMANA INTEIRA COM VOCÊ. APROVEITE!

0800-9790606 | cpb.com.br | CPB livraria

Se preferir, envie CPBLIGA para o número 28908, e entraremos em contato com você.

